

roda viva 7 andel



VILA
REJO

Todos os direitos reservados © - setembro de 2021

Vilarejo Metaeditora

www.vilarejometaeditora.com.br

Paulo Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Versão beta digital em cortesia, disponibilizada pelo site
Panorama Tricolor

CPF 944.276.317/20

Capa: Andel, intervenção sobre arte de Renato Martini, 2021

Fotos: escudo, Marina Oliveira; os demais, Andel

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-919299-6-2



9 788591 929962

48 ANOS DEPOIS

2021

Muito tempo se passou desde aquele dia em que meu pai me mostrou a figurinha do Félix no álbum e, com isso, devo ter me tornado Fluminense. Foi no quarto dele, em 1973, eu tinha quatro para cinco anos. Na verdade, eu já era antes: com meses de vida, eu andava gloriosamente em meu carrinho de bebê vestindo uma camiseta, onde o nosso escudo cobria todo o peito e barriga, mais os dizeres "Sou Fluzão".

De lá para cá, tudo mudou: você cresce, os amigos vêm e vão, os endereços, os amores, a construção da personalidade, os estudos, a compreensão do mundo. Meus pais, onde foram parar? Meu irmão, onde mora? Camaradas de arquibancada também, feito João Carlos, meu ex-chefe escoteiro e que morreu tão jovem, com menos de 40 anos. A última vez que nos falamos foi por telefone, logo após o título da Terceira Divisão, numa sensação de alívio ao término de 1999. Quatro meses depois, João faleceu.

A julgar pelo intenso movimento das redes sociais, com pretensos proprietários da verdade, a Série C de 1999 foi uma humilhação inigualável, a maior de todas. Humildemente discordo: para mim, a nossa maior derrota até hoje foi a perda do senso crítico de boa parte da torcida tricolor. Com o tempo, ela passou a ser tolerante demais com pífiás campanhas tricolores, até chegarmos ao momento de agora, 2021, onde acabamos de ser eliminados na Copa do Brasil e na Libertadores, onde nunca fomos favoritos. Muitos normalizaram o processo de correr para não chegar, o triste caso do Fluminense nesta temporada. Outros consideram que ser quinto lugar no Brasileiro equivale ao título, que passar de fase na Libertadores é título e por aí vai.

Nesta sexta-feira (17/09), o presidente do Fluminense falou por mais de uma hora em sua coletiva. Um verdadeiro show de horrores, tentando justificar mais um ano de fracassos do time, da sanha negociadora do Fluminense - campeão continental de transferências de jogadores, do excesso de veteranos cansados em vez dos jovens da base...

Mais inacreditável ainda é o tributo a Fábio Egypto, um dos piores presidentes que o Fluminense já teve em sua história. Não foi apenas um presidente que não conquistou títulos. Embora isso não tivesse acontecido antes dele, poderia ter ocorrido por Sylvio Vasconcelos e Sylvio Kelly, que escaparam no apagar das luzes. A realidade é muito pior: sua eleição significou o desastre em não ter José Carlos Villela – o maior advogado da história do Fluminense – como presidente, e marcou o início de um desastre que impactou por muitos anos a trajetória do clube no futebol.

Fabio Egypto destruiu o time tricampeão carioca e campeão brasileiro. **DESTRUIU O TIME TRICAMPEÃO CARIOCA E CAMPEÃO BRASILEIRO. DESTRUIU O TIME TRICAMPEÃO CARIOCA E CAMPEÃO BRASILEIRO.** Rifou o elenco inteiro a troco de banana, substituindo craques por jogadores inexpressivos. Todos esses que hoje são merecidamente louvados foram chutados em sua gestão: Paulo Victor, Aldo, Ricardo Gomes, Jandir, Deley, Assis, Romerito, Washington, Tato e a seguir, Edinho. Em nome da austeridade fiscal, Egypto fez do Fluminense um arremedo. Não se trata de ilações, mas fatos.

São famosas as frases do ex-mandatário em desrespeito ao torcedor tricolor, tais como “O Fluminense não é só futebol”, “Vendo mesmo” e “Craque inegociável, só Maradona”. Com dois anos e quatro meses de gestão, já tinha negociado 30 jogadores sem qualquer retorno econômico e esportivo. Pelo visto, fez escola no Fluminense atual.

A gota d'água foi publicada na revista Placar. Enquanto o Fluminense se arrastava e Egypto arrotava arrogância, uma foto mostra dois ídolos do clube com outra camisa e vitoriosos: os dispensados Jandir e Edinho (este, capitão) foram para o Grêmio e ganharam a primeira Copa do Brasil na história para o clube gaúcho. Quem não servia para o Flu, servia para o Grêmio campeão. Pelo visto, fez escola no Fluminense atual.

O FLUMINENSE QUE ELES VIVERAM 2015

Três camaradas à mesa em uma bela padaria das Laranjeiras rindo, falando alto, baixo, o neném do casal ao lado ri com sua banguelinha, a tristeza infelizmente mora nos olhinhos do garoto sentado ao pé da árvore, segurando uma caixa de Hall's para vender.

CONVERSANDO sobre o futebol de antigamente, aquele das gerais, dos bonecos assassinados, das dancinhas na chuva. Alguma história de Manga, o legendário goleiro. Paulo César Caju. A terceira divisão. Aquele jogo contra o Coritiba em 1984, ida em 2 a 2 e volta em 5 a 0. Jairão era o goleiro deles. O freguês de boa cepa quitando cem reais no caixa do estabelecimento quando alguém cochicha:

– Isso tá me cheirando a Fluminense!

Lembrei de uma crônica do querido Ivan Lessa sobre Copacabana. Veio bem a calhar.

Tudo bem distante dos boquirrotos deslumbrados de ocasião.

Que tal os tempos de Juanito, cracão do Real Madrid? Ou da elegância sutil de alguns dos nossos melhores jogadores, dirigentes, treinadores e torcedores do nosso Fluminense.

Aquele outro Maracanã de salas com bumbos, bandeiras, sambas de oração e turbilhões de gentes a cantar, ainda que o velho cordão de isolamento às vezes apertasse para o nosso lado até atrás do gol. A maldita Revista do Rádio!

– Muitas coisas aconteciam antes de se abrir os portões!

O Fluminense das fantásticas preliminares, dos garotos que quebravam o nariz para salvar uma bandeira enquanto o Careca, venerável e fidedigno Careca, sequer usava o pó de arroz que o consagraria mais tarde: corria feito um louco a cada ataque do Tricolor, como se pudesse receber a bola na arquibancada, cruzá-la e colaborar para um grande gol.

Ah, o presidente (de verdade) adentrando o meio da torcida e sendo saudado como um herói imortal. Bem diferente dos peitudinhos-de-pombo descartáveis.

Onde mora a saudade que não em nossos corações sofridos e desejosos dos melhores anos de nossas vidas? Mesmo com os erros, ora.

Sonhar com um craque e Castro no gramado para treinar. O goleiro adoeceu? Vá de Aílton Cruz mesmo – céus!

A turma do cochicho no caixa continuou espiando a mesa cheia de copos de mate, suco de laranja e outrem.

Política de hoje em dia? Naturalmente, mas longe de ser o foco principal. Afinal, quem é ruim morre sozinho, não numa conversa de arquibancada – na padaria – cheia de vida, lembranças e ambicionando grandes atos futuros.

Rivellino foi o maior de todos.

E a vida? Rios assassinados, camponeses sedentos a receber água com querosene, um mundo de sangue e covardia de Paris a Beirute, Londres a San Jose, o Rio de Janeiro com a miséria de suas balas perdidas e tribunais de exceção.

Antes de se despedir, os amigos prosearam sobre a Bahia de ACM, o Maranhão de Sir Ney, um retrato de Lysâneas Maciel. E a versão para “Erva venenosa”, ela mesmo uma versão também?

Nos abraços de despedida, alguém agradeceu pela oportunidade. Nada de politicagem barata, oportunismo empregatício, sede de poder oca, culto à personalidade, nada disso. Apenas o abraço de colegas que se admiravam à distância respeitosa desde os tempos do Montanaro – e do Lela no gramado. Jogos em Laranjeiras nas tardes de quarta-feira. Greve de torcida no Maracanã de um samba só. A vista admirável dos personagens da geral.

Só então o pessoal do caixa finalmente entendeu: eram três homens recordando as alegrias e os dissabores do Fluminense que eles viveram. Nenhum motivo para fofoca barata.

O resto é futuro.

CAQUINHOS DE 1980 2021

Lá se vão mais de quarenta anos de um campeonato marcante para todos os garotos tricolores nascidos em 1961. Sem grana, o Fluminense montou um timaço com revelações do próprio clube. Quase todo mundo sabe: Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens Galaxe; Deley, Gilberto e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. Treinador: Nelsinho.

Vamos aos caquinhos, aqueles que ninguém mais consegue se lembrar.

A estreia no Carioca 1980 foi no estádio da Portuguesa, numa vitória sobre o Bonsucesso por 2 a 0. Neinha estava em campo com a camisa 9, antes da chegada de Cláudio Adão, que só estrearia contra o Serrano. Gilberto fez 1 a 0, Edinho definiu a vitória aos 44 minutos do segundo tempo. Cristóvão entrou em campo no decorrer da partida.

Vitória sobre o Serrano em Petrópolis, 3 a 2, todos os três gols do estreante Cláudio Adão. Na lateral esquerda, Marinho substituiu Rubens Galaxe no decorrer do jogo. Quem se lembra? Ele também entraria nos 4 a 0 sobre o Botafogo, desta vez substituindo Edevaldo na direita.

Um tropeço: 1 a 1 com o Goytacaz no Maracanã. O Goyta era sempre uma pedreira. O nosso time veio completinho. O deles: Jorge Luís, Totonho, Willer, Valdir e Serginho; Vanderlei, Forró e Pio; Piscina, Índio (Ronaldo) e Nivaldo (Rogério).
Treinador: Helio Santafé.

Outro tropeço: empate com o Volta Redonda, também no Maracanã e no apagar das luzes. Edinho, não o nosso mas deles, marcou antes e Cláudio igualou aos 45 do segundo tempo.

Vencemos o Bangu em Moça Bonita. Jogo duro. No meio campo deles, olhe só quem jogava: Carlos Roberto, Ademir Vicente e Pedro Rocha.

Jogo histórico em 28 de setembro: batemos a ADN por 3 a 1 em Caio Martins. Estávamos quase completos, faltou Tadeu, jogou o saudoso Adilson no miolo de zaga. A escalação niteroiense: Passarinho, Miguel, Guaraci, Galo e Nilson; Rui (Rogério), Roberto Carioca; Naldo, Tavinho e Alberdã (Siri). Treinador: Daniel Pinto

Derrota para o America em 11 de outubro, um sábado. Gol de Luisinho no final da partida. Vitória sobre o Olaria por 4 a 0 jogando em Marechal Hermes. Cláudio Adão fez dois, Mário Jorge fez dois.

Depois fomos para a decisão do turno contra o Vasco. Uma tarde de glórias para Paulo Goulart.

A CRÔNICA DE UM FRACASSO ANUNCIADO 2021

Meu amigo, meu irmão.

Eu não sei onde isso vai dar logo mais.

Se prevalecesse a lógica, ficaríamos conformados em ver a eliminação do Fluminense para um adversário fraco, tal como tem acontecido muitas vezes, ano passado inclusive.

Não consigo parar de pensar nesse jogo há dias, inclusive pelo paradoxo de termos chegado a grandes posições na Libertadores e na Copa do Brasil com atuações esdrúxulas que, na frieza dos números, foram transformadas em eficiência.

A verdade é que a Libertadores nos atordoa por ser o único título que ainda não temos nas Laranjeiras, mas hoje em dia um time brasileiro com mínima competência tem obrigação de chegar à fase final. Foi o nosso caso: nos equilibramos contra dois times colombianos medíocres e conseguimos a façanha de vencer o River Plate no Monumental, um resultado histórico mas também explicado pelos 15 jogadores argentinos voltando de Covid.

Fico pensando se essa tal eficiência mal ajambrada do Fluminense não lembra 2007. Será que tem a ver? O time era limitado, os dirigentes... O treinador era um fanfarrão mas ainda ia melhorar muito. Trocamos de comando em pleno voo. Perdemos para o America de Natal no Maracanã e não fomos eliminados por um gol. E aí revertemos quatro vantagens de mando de campo e ganhamos um título inesquecível, o único que me lembro de termos decidido no começo do jogo e não no fim.

Tou pensando nos versos de Chico Buarque: “Minha cabeça rolando no Maracanã”. Agora estamos longe, não tem

arquibancada, não podemos nos encontrar lá. O que vai ser da gente.

O Barcelona de Guaiaquil é fraco. Sua defesa é ruim.

E se a gente passa? Vamos encarar o grande rival com um time dez vezes melhor do que o nosso, apto a nos dar dois nocautes estilo Mike Tyson 1990, com um treinador cinco vezes melhor do que o nosso. Preocupa? Muito. Dá medo? De maneira alguma. Respeito, não medo.

História e camisa não ganham jogo. Eles têm nos batido nos últimos cinco anos. Ganharam um título no apito amigo e dois nos amassando feito paçoca. Todo ano a gente belisca e ganha uma partida. É pouco, queremos mais.

Será que tudo isso daqui a pouco foi um incrível roteiro do destino para que o Fluminense volte a ser o carrasco do Flamengo? É difícil dizer, há muitas variáveis em jogo. Antes de tudo, superar o Barcelona. Vamos ver no que dá.

Não jogamos nada há seis meses, salvo vírgulas. Nosso time é cheio de problemas e mal treinado. A diretoria parece o elenco do consagrado programa “Sai de baixo”. Nossa montagem beirou o amadorismo. Por isso mesmo, seguir em diante significa uma superação quase inacreditável e sinceramente improvável, só que não é impossível, mas apenas muito difícil.

Cá entre nós, já vivemos isso muitas vezes. É claro que nossas condições eram melhores, mas pensei bem e, diante de tudo que já vimos pessoalmente nos estádios, acho que podemos dar uma chance ao imponderável.

O que vocês acham disso?

[Nestes dias me deu um nervoso. Não sei se é por toda a conjuntura que estamos vivendo, as dores, a opressão, mas sei que também é por causa do Fluminense.

Não acho o nosso time a oitava maravilha do mundo, longe disso. Vejo várias carências e deficiências, a insistência débil em manter uma espinha de veteranos com garotos se esfalfando por eles. Contudo, desde a saída da Unimed, há quase sete anos, esse parece ser um dos melhores elencos que o Fluminense tem. Ao menos tem variedade de jogadores e possibilidades, que só não são exploradas porque Roger é desastroso como treinador. Uma pena. O herói de 2007 é o vilão de 2021.

Me deu nervoso. Não é comum. Por incrível que pareça, eu fiquei tranquilo em muitas decisões: 1984, 1995, 2005, 2012. Hoje não.

Parece que a Libertadores de verdade começa hoje. Um só jogo, a vitória é fundamental, tudo parece contra nós, se passarmos teremos uma pedreira pela frente.

Estou nervoso porque deve ser amor. Depois de tantos anos, eu ainda sinto aquela ansiedade quando o Fluminense estava prestes a subir a escada do vestiário, pisar no gramado do Maracanã e fazer explodir uma nuvem atômica de pó de arroz, que ficava muitos minutos no ar e deixava felizes todas as crianças do meu tempo, naqueles inesquecíveis degraus de concreto.

#####

Antes do jogo, vinte minutos de INXS ao vivo em Wembley no Canal Bis para relaxar.

A mistura de funk e rock deles, mais a atitude de Michael Hutchence eram avassaladoras. O INXS merecia ter ido muito mais longe. Michael se foi muito cedo.

#####

O jogo começa equilibrado em Guaiaquil. Ganso dá um ótimo passe sem finalização. E Luiz Henrique dá um chute pelo alto que, se fosse no antigo Maracanã, seria aquele UHHHHHHHHH de estádio abarrotado de gente do povo. Parece, só parece, que desta vez o Fluminense joga mais no campo adversário do que no próprio. Será que as coisas parecem minimamente melhores ou sou eu que quero enxergar assim?

Meia hora. Equilibrado. O Fluminense avança e incrivelmente mostra jogadas, mas não conclui. Outro problema é a velocidade de um time naturalmente cadenciado, acostumado a jogar recuado. O Barcelona não deu um chute.

[A propaganda da camisa do mandante equatoriano é do Banco Pichincha. Risos.

[Zé Elias Paulada, ex-volante e atual comentarista da Fox Sports, diz que o Barcelona parece tranquilo demais para um jogo desse porte.

Perto dos 40, Ganso quase fez um golaço de bicicleta, com o goleiro espalmando para corner. Depois da bicicleta, caiu em cima do pulso e saiu, entrando Cazares. Ganso estava bem, agora o cenário é outro. Samuel pega de voleio no canto direito, o goleiro põe para fora.

[O jovem Luiz Henrique é muito parecido com Marcelo Henrique, promessa tricolor dos anos 1980 que não vingou.

Acaba o primeiro tempo. Perto das atuações insossas dos últimos meses, o jogo foi até bom. O que nos falta é pegada, arranque, chegar perto da área e criar a jogada de conclusão. Talvez o pragmatismo dos placares eficientes tenha encoberto essa

necessidade. Agora, se conseguir melhorar no ataque, é bem capaz do Fluminense passar e chegar à incrível semifinal contra o seu maior rival.

[Só falta ser 2 a 2 no segundo tempo e ir para a agonia secular dos pênaltis.

[Há muitos anos, treze, esse jogo era Fluminense e São Paulo. Meu pai morreu subitamente uma hora antes da partida que ele tanto queria ver. Foi um soco no meu queixo. Naquela noite, enquanto eu chorava desesperadamente, a nossa torcida comemorava uma das maiores vitórias tricolores de todos os tempos, tirando da reta um poderoso tricampeão mundial.

A dor pela morte de meu pai me congelou, e isso me impediu de ficar eternamente amargurado com a decisão da Libertadores de 2008. Fiquei naturalmente triste, mas sempre tive certeza de que o Fluminense chegaria ao topo da América.

Começa o segundo tempo e o Barcelona faz um cruzamento perigoso, mas seu próprio zagueiro ajuda o Fluminense e cabeceia para o além.

Para variar, Riveros fez pênalti em Fred e a arbitragem, sempre simpática aos times de língua espanhola, deu de ombros. Depois o próprio Fred deu uma cabeçada nota 5. O Barcelona começou a se assanhar, mas só aos dez minutos do segundo tempo Marcos Felipe precisou se atirar para fazer uma defesa tranquila, no canto direito.

Não parece que eles estejam engrenados para marcar gols. Por enquanto só depende de nós, temos pouco mais de meia hora.

[Não espero nada do treinador, da mesma maneira que não esperei nos últimos seis meses.

Ok, entrou Kayky, é uma esperança de aumentar a ofensividade. Só que sem Yago, machucado, o Fluminense perde força no combate.

Faltando vinte minutos, é matar ou morrer. Agredir. Partir para cima. Mas é a ilusão. Num contra-ataque bobo, Mastriani domina livre na marca do pênalti e faz 1 a 0 para o Barcelona. Perdido por um, perdido por mil. É melhor morrer atacando. Agora, vai ter gás para fazer dois gols? Vai ter mudança? Só de nomes. Sai Luiz Henrique, entra Abel Hernandez; sai Martinelli e entra Nenê. Sem crueldades, trocamos 40 anos por 70. Típico de um treinador com anemia conceitual.

Mastriani acerta o ângulo direito e Marcos Felipe faz um defesaço-aço-aço, irritando seus haters. Nenê já toma um cartão amarelo e André leva o outro. Cazares dá um chutaço mas o jogo já estava paralisado.

Hora dos balões, Luccas Claro cabeceia fraco, o goleiro do Barcelona defende com tranquilidade.

Quarenta minutos, Egídio mostra todo o seu ridículo ao sair com bola e tudo. Somos reféns do Cruzeiro rebaixado em 2019. A culpa não é do time celeste, mas de quem dirige o Fluminense.

Minutos finais. Balões. Chega a ser impressionante a incrível sina tricolor de piorar suas atuações no segundo tempo. Nenê sai com bola e tudo pela lateral. O Barcelona perde um gol inacreditável, mas os jogadores já se cumprimentam

comemorando a classificação. A gente se deixa dobrar e torce, torce mesmo sabendo das inúmeras deficiências, da péssima gestão. A gente torce mesmo com os imbecis que escolhem quem é tricolor ou não de verdade.

Podia ter dado se a nossa eficiência não fosse uma mentira deslavada. A gente quer ganhar, mas sabe que nenhum time do mundo vence a Libertadores contratando cinco jogadores reservas a dois dias do fim das inscrições. A gente torce. Torce. Até pelo que desconfia que não vai rolar.

Ainda dá tempo do Fluminense perder um gol inacreditável. E o pênalti de Riveros, para deixar um gosto de prêmio de consolação. Fred cobra bem, empata o jogo, chega a 25 gols na Libertadores e o Fluminense... Não ganha absolutamente nada.

O grande objetivo do pavonismo, sucessor do flusocismo, essa doença maldita que infecta o Fluminense há dez anos, cai por terra mais uma vez. No fundo, no fundo, precisamos reconhecer que não causa surpresa alguma. Se não torcêssemos muito, talvez até desconfiássemos de que o objetivo é correr para não chegar. Vender a ideia de que o Fluminense é pequeno, enquanto a garotada é rifada por qualquer mariola e, numa decisão, a gente troca 40 anos de dois garotos por 70 anos de dois “reforços”.

Sem mágoa nem esperança, aqui termina a crônica de um fracasso anunciado.

Valeu pela teimosia de querer ver o Fluminense grande e minimizar os fatos, mas sabemos que esse negócio de negacionismo não dá liga nem futuro. Não deu. Vida que segue.

Os mediócrs vão passar. Têm que passar.

TAL PAI, TAL FLU
2020

Podia ser 1978 ou 1980, 1981 talvez. Começamos bem antes, mas foi nessa época em que a chapa ferveu de verdade.

Sonhava com as seis horas da manhã de domingo, exatamente feito agora. Esperava o pedido e o dinheiro: pão, leite, queijo, presunto, ovo, todos os jornais. A padaria podia ser Santa Margarida ou Anita Garibaldi. A banca, Siqueira ou Figueiredo. Em qualquer caso, ao sair da portaria, dar uma olhadinha à direita para saber se tinha alguém no Sniff's.

Wendell, Edevaldo, Tadeu. Paulo Goulart, Miranda, Ademílton. Moisés. Edinho. Que crise o Fluminense vivia, dois ou três anos sem ser campeão. Que dor!

O grande sinal era depois das onze da manhã. Geralmente tinha jogo do campeonato paulista na TV. Quando o pai mandava ir buscar lasanha pronta, era quase certo de ter Maracanã. Eu descia para a Trattoria Torna sonhando com a fatia, o sabor, o banho, o 435, chegar no Maracanã deserto e sentar perto da entrada, lá ficando como um cão fiel permanece ao lado de seu dono.

Provavelmente a relação entre lasanha e jogo era simples: havendo dinheiro para o grande prato, sobrava o troco para os ingressos.

A sensação de sair de Copacabana e cortar os bairros até chegar ao estádio imortal é indescritível, maravilhosa. Sendo de 435, melhor ainda porque passava na porta do estádio das Laranjeiras, esse mesmo tão desprezado pela ignorância histórica e falta de empatia. Bom, depois de uma hora de viagem, aparecia a imagem monumental do Maracanã à janela do ônibus. Às vezes

era um jogo simples, de cinco ou dez mil pessoas; noutras ocasiões, clássicos de arrepiar com cento e trinta mil torcedores.

Se o Flu ganhasse, a volta no ônibus cheio era uma festa e a pizza na Bella Blu era garantida. Se perdesse, nem sempre, mas o domingo era o dia sagrado do futebol no coração do Maracanã. Curioso era que podia não ter Fluminense em alguma situação, mas o pai não dizia nada, apenas dava o caminho: Flamengo e Palmeiras, vamos para a torcida alviverde; Flamengo e Campo Grande, vamos para a torcida do Campusca. Era assim.

Foram anos difíceis mas admiráveis. Lutávamos pela sobrevivência mas o futebol nos resumia. O pão que o diabo amassou em 1978 e 1979 foi trocado pelo café com leite da deliciosa vitória de 1980. E ser campeão de mãos dadas com o pai não tem preço. Ele não falava, mas sentia alguma felicidade, é claro.

Depois daquela noite imortal do gol de Edinho, nos encontramos e nos perdemos muitas vezes. Só a maturidade permite entender os desenganos. Sofremos e fomos felizes. O Fluminense nos manteve próximos até o fim. Era algum jogo, alguma contratação ou venda, um acontecimento, uma conversa qualquer. Nos separamos uma hora antes daquele Fluminense e São Paulo imortal. Ele se foi, meu irmão foi embora e fiquei sozinho para sempre no sonho da lasanha e de pegar o 435. Por isso comecei a escrever sobre o meu time, para espantar a solidão. E é o que me trouxe até aqui.

Faltou dizer daqueles garotinhos pretos magrinhos, pobres, às vezes descalços ou com chinelos engraçados. Quando íamos para a bilheteria, eles vinham “Tio, tio, me ajuda por favor”. O pai contava o bolinho de dinheiro falido com a inflação mensal de 70%, comprava três ou quatro ingressos e dava. Eu lembro dos sorrisos, dos olhos de jabuticaba brilhando para subir a rampa

imortal do Maracanã. “Obrigado, tio! Muito obrigado, tio!”. O pai não sorria. Parecia apenas ter cumprido um dever, mas era algo tão forte e profundo que, quarenta e dois anos depois, não há gente ruim no meu clube que me faça desistir dele – e olhe que são muitas.

Logo mais tem jogo, longe, sem torcida. Não vai ter lasanha nem pizza, nem 435, nem a deliciosa sensação de estar na porta do Maracanã sonhando em entrar. Há muitos pais e filhos chorando seus mortos nos últimos dias. Não vai ter pai, nem irmão, nem garotinhos sonhando com um ingresso, mas de alguma maneira aquele velho ritual de muitos domingos atrás persiste.

Talvez seja o que chamam de sina.

Em memória de Helio Andel

FLA X FLU 2021

Num país com a vocação da desmemória, que sequer lembra de seus mortos nesta peste em que vivemos, não dá para não concordar: o mais que centenário jogo de futebol entre Flamengo e Fluminense é uma das expressões mais marcantes da vida brasileira, justamente porque mantém a memória viva. O passado, o presente e o futuro andam de mãos dadas a vida inteira quando o assunto é o encontro dos dois gigantes.

Pouco importa se o capítulo de logo mais parece pouco empolgante: no Fla-Flu sempre há o que se guardar e admirar.

O clássico mudou a história do então Distrito Federal e, por consequência, da República. O Rio, bonito que ele só, era também a cidade dos silêncios, de muitas calçadas vazias e pessoas solitárias caminhando apressadamente com semblantes até tristes. Foi o Fla-Flu que inventou a multidão, assim ensinou Nelson Rodrigues, o maior dramaturgo brasileiro de todos os tempos.

Os primeiros grandes clássicos foram nas Laranjeiras e na Lagoa, até que chegaram ao Maracanã monumental, aquele outro, e dos anos 1950 a 2010 foram uma festa só, com grande destaque para os anos 1970 e 1980, com públicos gigantescos e muitos craques em campo.

Há mitos e lendas sobre o Fla-Flu, alguns nem sempre edificantes, outros com tempero de besteira mesmo. Por exemplo, as mofadas teses racistas contra o Fluminense caem por terra quando um dos mais populares e importantes artistas negros do país, Pixinguinha, alcançou o sucesso nacional e internacional quando fez carreira no Salão Nobre das Laranjeiras há cem anos. Pinheiro, Denilson, Escurinho, Assis, Waldo, Washington, heróis

tricolores, são todos negros. Leandro, Zico, Tita, Dida, Sávio, Lico, símbolos eternos do Flamengo, são todos brancos. Mas o importante é reconhecer que os dois clubes, rivais até o infinito, incorporam as figuras do leão e do tigre andando lado a lado numa calçada de Nova York, como diria Tom Wolfe.

Um Fla-Flu tem sempre muitos Fla-Flus em jogo e não se limita ao estádio ou às manchetes a priori ou posteriori. Mexe com a cidade, o estado e o país, por mais que os jornalistas bairristas insistam em rechaçar o fato. O Brasil fica atento ao jogo, de olhos arregalados ou de esguelha. Enquanto a partida é disputada, milhões de televisões são ligadas, celulares são manuseados e, quando a TV não é possível, os bons e velhos radinhos de pilha se multiplicam nas portarias dos prédios, nas biroscas e mercearias, nas áreas populares e nobres da cidade do Rio de Janeiro.

O mundo mudou, a pandemia exige a reclusão – pelo menos dos sóbrios – e o futebol não pode ter torcida presente. Mesmo antes da Covid19, nem todos os clássicos tinham o público que a história merecia, mas houve um tempo em que o Fla-Flu colocava cento e vinte ou trinta mil pessoas no Maracanã em qualquer circunstância. Os trens da Central vinham abarrotados de gente humilde sonhando com uma hora e meia de alegria, misturadas no contraste colorido rubro-negro e tricolor. Ainda falando em rádio, quem se lembra dos sinais das estações ecoando em toda a arquibancada nos dez minutos finais do clássico? Era de arrepiar.

O Fla-Flu alça anônimos ao estrelato definitivo em um instante. O menino Alexandre, que fez o gol da vitória tricolor de 1993, é matéria de jornal neste domingo, 28 anos depois. Paulo Goulart defendeu o pênalti de Zico em 1979 e todos se lembram até hoje. O massacre rubro-negro do primeiro tempo em 1982 foi marcante, mas teve o troco com um gol de Amauri no último

minuto, num Fla-Flu vazio – o que ninguém podia sequer imaginar é que no ano seguinte Assis faria a mesma coisa. E se falarmos de Nildo, Dirceu, Rudinei, Rever, Luiz Marcelo, Rodriguinho, Botinelli e tantos jogadores que marcaram presença no clássico, poderemos voltar no tempo e lembrar de Barthô, que decidiu o primeiro Fla-Flu em 1912 com um placar que marcaria o clássico para sempre: 3 a 2.

No Fla-Flu até o empate é uma vitória eterna. O Flamengo comemora o 0 a 0 de 1963, que lhe deu o título – e Escurinho acertou o travessão. E o Flu celebra com justiça o 2 a 2 de 1941, um campeão presidido pelo goleiro campeão Marcos Carneiro de Mendonça. Não teve nenhuma cera com bolas chutadas na Lagoa: Roberto Assaf, emérito escritor rubro-negro, já desmentiu a lenda em livro. Sergio Britto, o grande ator, foi ao jogo e não viu nenhuma catimba. Tenho gravado.

Nunes fez gols dos dois lados, Pedro também. Thiago Neves também, mas ficou marcado pelo créu. Gerson, um dos maiores da história, se emocionou ao enfrentar seu clube de coração e se contundir justamente num lance contra seu ídolo, Castilho, em 1960. Cláudio Garcia, ídolo tricolor, mergulhou na fogueira ao trocar de lado em 1983. Jason tentou mas não deu liga. Bobô tentou e conseguiu. E tome Carlos Alberto Torres, Doval, Renato, Toninho, Zé Mário, Mário Sérgio, Paulo Cezar Lima.

Nelsinho, uma fera, mandou na Gávea nos anos 1960 para depois ser o técnico tricolor do grande 1980 – ano da última crônica de Nelson Rodrigues. Seu parceiro Carlinhos, o Violino, sempre ficou do lado de lá. O Edinho era nosso, foi contra a vontade e voltou rapidamente. Carlos Alberto jogou por meio mundo mas não passou por lá. Rivellino, só nosso.

Logo mais tem Fla-Flu no Maracanã. Não tem torcida, mas tem bandeira. Os dois times pensam na Libertadores e vão a campo sem a força máxima. Roger estreia à beira do campo pelo Flu.

Não importa a realidade: o fato é que tudo pode acontecer. Num jogo que dá o que falar há quase 110 anos, este domingo promete uma hora e meia de olhos pregados na TV paga, ouvidos nos radinhos e um pouco de bálsamo para aliviar a vida tão sofrida.

Aguardemos mais um episódio do jogo que nunca termina. De toda forma, sou mais Flu, tal como nos últimos cinquenta anos em que perambulo pela Terra. Só vai faltar meu pai me puxando pela mão na descida da rampa. É, não se pode vencer todas.

FLU NA ALVORADA
2018

Cinco e meia da manhã.

Assim como tem sido nos últimos quarenta e cinco anos, acordei Fluminense demais.

Pensando no escudo, nas bandeiras em meio ao céu de pó de arroz, procurando o velho e lindo placar de lâmpadas. Antes disso, no velho percurso do ônibus 434 de Copacabana até a UERJ, que infelizmente não faço mais.

Quantas vezes vi jogos sozinho e, sentado na arquibancada ou na geral, fiquei a espiar os personagens que carrego comigo até hoje?

Acordei Fluminense demais. Estamos lutando pela sobrevivência, o campeonato já tem campeão e ainda estamos nas cenas dos próximos capítulos.

Lá vem o Palmeiras. Penso num 0 a 0 de 1980 com bola no travessão chutada pelo efêmero Osni, talvez aquele 3 a 2 mitológico de 2012, o 3 a 0 de 2008 debaixo de sol escaldante. Ou aquele 1 a 0 magro e suficiente de 2009, quando éramos também desesperados e eles jogaram de azul. Teve um belo 4 a 0 em 1999. São muitas histórias.

Por alguns instantes, ficam de lado muitos problemas, a mágoa frente às ingratidões da vida, a batalha pelo pão. A tragédia pela dor do outro, não: ela é permanente. Mas o jogo é o sonho, a promessa de salvação, a busca permanente pela infância que jamais voltará, aquelas bandeiras ao vento e gente cantando para defender o Fluminense, bem ao contrário de quem tinha a obrigação de fazê-lo.

O silêncio lá de fora é interrompido por um ônibus qualquer. Não se trata da amada Copacabana, não há mais ninguém na casa, tudo que não é futebol cheira a desespero - mesmo! -, mas existe o Fluminense, e hoje ele joga os dados à mesa de um belo copo de couro costurado.

É claro que o medo existe, não há vida sem ele, mas alguma coisa parece dizer até inconscientemente que tudo vai dar certo, desimportando se há lógica.

Outro ônibus corta o silêncio ao longe. Meus mortos prediletos estão vivos demais mas não me abraçam. Nos outros apartamentos as pessoas devem estar começando a levantar - eu queria dormir para sempre, mas não hoje. Ligo a TV e tem guerra no Iraque. O mundo é cruel e estúpido demais, as pessoas vivem torturas.

Só o Fluminense me conforta, só ele me ampara, só ele me traz esperança e vem à frente o dia longo de mais uma noite de cinema, sem saber se o final será feliz ou trágico. Mas é uma noite de luta, e as cicatrizes em três cores costumam atropelar o mal.

Tenho dores nas costas. Estou velho e cansado. Mas o Fluminense parece ser o mesmo que persigo desde criança, quando o Rio era outro, o Maracanã era outro e, se o mundo não é lá essas coisas, também não era antes - agora tem iPhone, delivery e escravidão chamada de empreendedorismo.

Dez para as seis da manhã. Eu espero o jogo, eu procuro o Fluminense, eu espero dele um abraço de irmão ou pai ou mãe que nunca mais ganhei. Eu penso no escudo. Só me basta uma pequenina vitória.

OITO ANOS DE VERGONHA 2020

Depois de uma atuação patética, o Fluminense foi justamente eliminado pelo Atlético-GO na Copa do Brasil, confirmando o que se publica há meses: que nos encaminhávamos para oito anos sem conquistas, de figuração ou pior – lutas sucessivas contra o rebaixamento.

É mais cômodo jogar a culpa nas costas de Muriel, que falhou sim e sempre foi um goleiro mediano. Ou de qualquer outro: o Ganso, o Odair, o Narumbleiguer, qualquer um. Particularmente, Odair tem cumprido uma jornada desastrosa, substituindo Fernando Diniz e aí poderemos fazer uma lista de desastres à beira do campo.

Mas será que é só isso?

Não, amigos, não é.

Nenhum time grande fica oito anos cumprindo jornadas medíocres apenas porque uma vez o goleiro frangou – sim -, ou porque em cinco jogos o treinador fez substituições extraterrestres – sim.

Neste ano, salvo Nenê, o Fluminense tem um mar de jogadores veteranos, lentos, brochados e pior: alguns que pensam que jogam mais do que realmente já fizeram um dia, acompanhados pela passionalidade de alguns torcedores, que acabam também acreditando nisso.

Noutros anos, em todos esses oito, o problema não foi de uma base envelhecida, mas fraca, claudicante, a ponto de nenhum, repetindo, NENHUM dos inúmeros desconhecidos que passaram pelo Fluminense tornaram-se destaques em outros clubes no Brasil – são dezenas de nomes, talvez mais do que uma centena.

Enquanto isso, para pagar este mar de mediocridade, rifamos o que tínhamos de melhor: os jogadores da base que foram surgindo. Uma outra exceção é Richarlison, hoje arrebatando na Inglaterra.

E quando não pagou, o Fluminense virou refém de uma tonelada de ações na Justiça, com muito dinheiro a pagar nas derrotas e acordos. Mas isso não serve de desculpa para a atual gestão, até porque o atual presidente conhece como poucos tudo o que se passou em termos jurídicos no clube, já que prestou serviços dessa natureza por muitos anos ao Fluminense. E todos sabem que o Flu deve demais. Ninguém assumiu nenhum cargo enganado. Quem assume as dívidas também assume um clube com milhões de torcedores, com uma história vitoriosa e secular, com imensa capacidade midiática a ser explorada.

Há anos, parte da torcida acredita piamente nas patéticas dos gabinetes de ódio alimentados nas redes sociais, na superestimação de vitórias comuns e jogadores medianos, no discurso vazio de sites chapa branca, quinta coluna ou ex-aliados de candidaturas. Acredita em coletivas de verborragia oca e chinfrim. Acredita num modelo que comprovadamente não deu certo em nenhum clube do Brasil, e que só não afundou o Fluminense antes porque havia a Unimed – o que não nos livrou de Márcio Rosário, Marcelinho das Arábias e companhia ilimitada.

Por tudo isso e muito mais, a derrota desta quinta-feira não pode ser limitada a dois frangãos, uma atuação ridícula e substituições trash. Vai muito além disso.

É a derrota de um modelo que traz o fracasso para o Fluminense há anos. Basta comparar o período atual com outro em que ficamos na seca: 1986-1994. Mesmo dirigidos por gente que queria acabar com o futebol, mesmo tendo destruído o time tricampeão e rifados duas dezenas de juniores, mesmo sem um

tostão, o Fluminense disputou títulos nacionais, chegou a finais do Carioca e só não foi campeão porque foi garfado. Nos últimos oito anos, afora a efêmera Primeira Liga, o que restou ao Fluminense foi lutar para não cair e dois vices cariocas “com honra”.

Torcer, a gente torce o tempo todo. Eu torço até em reprises em que o Fluminense perdeu. Só que torcer tem um limite de passionalidade para que não se transforme em irracionalidade. Sinceramente, se o Fluminense não cair até 2022, será uma grande vitória capaz de permitir que os sócios se livrem do mais do mesmo, que assombra o clube há quase uma década. Porque se não fizer isso, o eleitorado pode ter certeza de que não terá mais o Fluminense para torcer, mas sim um America tricolor, com toda a tristeza que essa comparação permite, e também com todo respeito ao time rubro.

Não dei dois treinos, mas minhas quatro décadas de futebol me poupam de achar que essa eliminação foi um azar, ou que somos superiores ao Atlético (em que? Basta olhar os confrontos e a tabela do Brasileiro) mas foi um dia ruim. É hora de encarar a realidade. O time do Fluminense é fraco porque tem um elenco fraco e mal montado. No mais, mal escalado e mal alterado. Tudo isso é fruto de um clube mal dirigido, mal gerido e mal presidido.

Agora foi o Goianiense. Ontem foi o Unión La Calera. Outro dia foi o Goiás, o Athletico, o Bambala.

O problema é o Odair. Antes era o Diniz, o Abel, o Enderson, o Eduardo Baptista e até o Ricardo Drubsky.

Passa Peter, passa Abad, passa Mário, passam as gestões, passam as dezenas e dezenas de perebas em campo, passam as dezenas e dezenas de ações judiciais, passa o abandono do Estádio das Laranjeiras. Passa coisa demais, só que o modelo é o

mesmo e ele torce o pescoço do Fluminense. Enquanto isso não mudar, a cada nova eliminação procuraremos os vilões para trocá-los em vão e, a cada seis meses, ninguém se lembra mais do que aconteceu nos seis meses anteriores.

Mais uma eliminação ridícula, mais desculpas, oito anos de vergonha.

A MEDIOCRIDADE DA LACRAÇÃO 2020

Tava muito cansado ontem e passando mal, então me poupei de falar. Continuo me poupando. É agosto, tudo pesa.

Não é preciso ser muito inteligente para saber que a fanfarronice que toca e cerca o clube é incapaz de colocá-lo em seu devido lugar. E nem é por ontem não. Falo de um contexto geral, de uma década perdida. Tudo que aí está não é novo, não é de ontem nem da eleição de 2019. Trata-se de um longo processo de apequenamento do Fluminense, que passa pelo desprezo à sua história em todos os sentidos. É apenas mais do mesmo.

Viramos um meme, uma hashtag. O ponto e não a reta. No dia seguinte ninguém mais se lembra e lá nave va. Aí vem uma vitória e boboides começam a dizer "Chupa, secadores!", como se algum torcedor do clube tivesse interesse em suas derrotas, num eterno campeonato da lacração babaca, que leva do mofo ao fétido.

Perde de novo, as pedras voam nos céus das redes sociais e, de semana em semana, vamos nos arrastando, quem sabe rumo ao décimo terceiro lugar? Afinal, segundo a FluPateta a maior desgraça da história do clube - os rebaixamentos de vinte e tantos anos atrás - é justificativa plena e absoluta para se tolerar todas as sandices desta década de 10. Afinal, lutar cinco vezes contra o rebaixamento em sete temporadas, jogando quase 300 partidas, é um exemplo de gestão, uma performance maravilhosa. Enquanto esse discurso mofado permanece, outros times que foram rebaixados bem depois do Flu se recuperaram, remodelaram seus estádios, conquistaram grandes títulos e alguns foram até campeões mundiais.

O problema maior não é perder do Bragantino. Esse é o retrato momentâneo. Há muito mais em jogo. É ter a certeza de que

completaremos oito anos sem títulos importantes. É saber que disputamos duas finais contra o Flamengo e não tivemos a menor chance de título. É a ausência de relevância no cenário nacional. É a condição de figurante, se muito. É chegar a cada novembro e dezembro e não comemorar nada, mas sentir alívio e buscar renovar as forças para a porrada no ano seguinte.

É a desesperança.

O contrário do que foi vivido pela torcida em grande parte da história tricolor.

Os exemplos são muitos, mas me atenho aos nomes de Francisco Horta e Manoel Schwartz. Chega a ser engraçado que no pior momento da Era Horta, em seu último ano, com muitas críticas, a "baba" do Fluminense tivesse Wendell, Edinho, Pintinho, Doval, Rivellino, Marinho Chagas e outros, enquanto a esperança atual para virar jogos seja o Caio Paulista - que deve ser um bom rapaz, nada a favor de apedrejamentos virtuais, apenas uma referência nominal.

Desculpem o desabafo. Sou do tempo em que se comemorava vitórias e títulos, não o pagamento da folha salarial do elenco (que é obrigação). Do tempo em que o clube valorizava sua torcida e não uma claque particular. Torcida não é claque. Eu torço pelo Fluminense, não sou torcedor do presidente, do vice e do "gestor" seja lá quem for. Quero mais é que dê certo, mas o mais incrível é que, depois de dois títulos brasileiros quase consecutivos, a maionese - sem trocadilhos - desandou.

Antigamente era o Villela, o Graúna, o Castro Gil. Agora é a lacração do tuíte, a picocelibridade, o discurso de valentia oca que não se sustenta com a realidade, a legião dos puxa-sacos tentando sobreviver.

O técnico vai mal? Vai. Claro que vai. Mas e o anterior? E o anterior? E o outro anterior? E os dez anteriores? Sinceramente, alguém pode acreditar que oito anos de fracasso são culpa exclusiva dos treinadores?

E o jogador? Os jogadores? Alguém sabe dizer quantos jogadores o Flu teve nesses oito anos? E desses, quantos não emplacaram seis meses? E quantos acionaram o clube, até mesmo alguns que sequer entraram em campo? E quantos mostraram que não tinham a menor condição de vestir a camisa tricolor?

A culpa é de quem trouxe, não é?

Se o clube é incapaz de atrair grandes patrocinadores e investidores, a culpa é de quem? Da torcida é que não é. E a dívida? Da torcida também não é.

O problema do Fluminense é muito mais embaixo, é estrutural, vem de longe e não será resolvido com entrevistas bravateiras, promessas de campanha abortadas e claqué. Não é preciso dar dois treinos para se saber isso; basta raciocinar, refletir e não se deixar levar como massa de manobra.

DECO
2013

Um dos jogadores mais talentosos que já vestiram – e vestem! – a camisa do nosso Fluminense desde 1978, ano que cito por ser a minha “estreia” nas arquibancadas.

Gênio da bola, príncipe do passe, dos lances de efeito, matadas e dribles desconcertantes.

Deco faz jus a outros craques que nos defenderam perto do encerramento da carreira, caso do monumental Gerson. Quem vê seus lançamentos de quarenta metros pensa em Delei. Ao mesmo tempo, ele é uma síntese de nossos tempos modernos em conjunção com o passado admirável.

E todos sabemos que são os momentos derradeiros – mas não os últimos, numa saudável contradição – de uma carreira enorme, espetacular e que deu muito brilho ao Fluminense. A espetacular partida contra o São Paulo em Barueri, nos 4 x 1 que nos encaminharam para o título monumental em 2010. O golaço contra o América do México na virada por 3 x 2, Libertadores 2011. Aquele gol contra o Vasco na final da Taça Guanabara de 2012, que abriu caminho para o nosso ano de glórias. E quanto Deco não teve de importante na campanha do tetracampeão em 2012 também? Tudo.

Agora surgiu o problema da furosemida, talaminodricafeína, qualquer dessas coisas e porcarias que são tão proibidas pelo “bem do esporte”, enquanto hipocritamente sabe-se que outras substâncias não “aparecem” regularmente em exames – alguém tem dúvidas de que, até pela mazela social que é em todos os setores, o consumo de cocaína aparece muito pouco em casos relacionados ao futebol? Pois bem. Mas não é o caso de justificar um problema com outro. É outra coisa.

Deco fez e faz muito pelo Fluminense, mesmo que hoje não esteja no melhor de sua forma e, infelizmente, perto do fim da carreira – e não NO fim, ressalte-se. Ainda não teve um 2013 à altura de 2012, mesmo com alguns momentos geniais. Eu queria falar aqui apenas de justiça ao craque. De gratidão. Sim, a ele sou muito grato por tudo o que já realizou pelas nossas cores. E como teria sido bom se tivesse vindo dois ou três anos antes. Cracaço.

Amanhã teremos uma ideia mais clara do que vai acontecer.

No entanto, uma coisa é certa: se os caminhos da lei obrigarem Deco a encerrar a carreira, quem perde muito é o talento do futebol.

Entendo perfeitamente meus companheiros torcedores que, por mais de uma razão, andam amuados e até dizendo que Deco já deveria ter se aposentado. Outros falam de Felipe. Tempos atrás, alguém queria até a aposentadoria de Fred. A passionalidade é uma característica presente em muitos torcedores e isso é compreensível.

Apenas discordo.

Miles Davis foi um dos maiores gênios da música. Quando diziam que poderia entrar em decadência no fim dos anos 60, criou o jazz-rock, estabeleceu conceitos de vanguarda que duram até hoje, abriu caminhos para o hip-hop e faleceu saudado como um verdadeiro superstar do rock. No entanto, em tudo o que fez, Miles jamais abdicou do jazz.

E o que Deco fez e faz nos gramados é jazz. Às vezes difícil de explicar, mas fácil de sentir: uma jogada inesperada, surpreendente, desafiadora de conceitos e exigente de toda perícia. Aos que tiverem dúvidas, o YouTube é franca testemunha. Jazz é para sentir, é o pulsar nas veias.

Tomara que ainda não seja o fim.

A estrada ainda não acabou.

É claro que tenho minhas esperanças: diziam que em 2011 Deco estava acabado e ele fez um 2012 espetacular de cabo a rabo. Por que não um raio cair duas vezes no mesmo lugar? Afinal, isso tem a ver com a eterna sina do Fluminense. Do perna-de-pau, nunca se pode esperar muito; do craque, sim.

Um jogador do quilate de Deco não merece ter sua carreira ceifada dessa maneira, é o que penso. Mesmo que ela ainda dure pouco, talvez até o fim deste ano. Mesmo que tenha acontecido um erro. Seria injusto demais. É melhor que ainda tenha seis meses a mil por hora, o que não é impossível.

Para alguns, a águia do Atlântico Sul parece destinada ao pouso final.

Eu sou do contra: ela ainda está em pleno voo e o horizonte há de trazer bons presságios.

E se a estrada ainda não acabou, o que dizer dos ares?

OBRIGADO, BERNA
2013

Eu estava lá quando você entrou naquele barco furado de 2006 e ajudou muito a levá-lo até o cais, contra todas as intempéries do mar da imprensa. E você fechou o gol nas partidas finais. Nunca é demais lembrar: por causa das partidas daquele limiar de campeonato brasileiro é que eu passei a escrever crônicas regulares de futebol do Fluminense.

Testemunhei quando você foi para o banco sem reclamar em 2007 – e outras vezes depois. Não deveria ter ido, estava melhor, mas foi. Fernando Henrique voltou, fez boa Copa do Brasil, teve seus tropeços tradicionais, você aceitou tudo calado. Entrou quando foi preciso e mostrou a competência e a frieza habituais.

Um belo dia, quiseram te crucificar por causa de uma goleada do Goiás. Verdadeiro festival de fuzilamento na pequena área. Uma bobagem. Outra vez, cabeça erguida, você respirou e continuou honrando a nossa camisa.

Nada como um dia após o outro. Quem espera sempre alcança. Chegou 2010, éramos candidatos ao título, nosso gol estava a perigo. Você entrou e não perdemos mais: fomos campeões depois de 26 anos. Assim escrevi em minha crônica “Uma noite de Paulo Victor”, meu primeiro livro, “Do inferno ao céu – a história de um time de guerreiros”, 2009, página 116:

“Não somos pascácios: sabemos que um grande triunfo estava realizado no sul. Um ponto miraculoso, que veio do esforço de todo o time, a garra de Diguinho salvando um gol certo. Mesmo os que entraram, Rodriguinho e Valencia (Belletti só entrou a um minuto do fim) fizeram parte desta entrega d’alma à camisa das Laranjeiras. A derrota do Cruzeiro ajudou, sem dúvida, mas se o Fluminense ontem se manteve – MERECIDAMENTE – líder do

campeonato brasileiro, deve tudo a um único nome (sem detrimento dos demais): Ricardo Berna.

Pouco afeito a vôos acrobáticos e pernósticos, sempre bem posicionado, sóbrio, alternado reposições de bola rápidas e mais lentas conforme a necessidade, dotado de personalidade nas saídas de gol e até mesmo fazendo algo raro em suas passagens anteriores como titular: vibrando nos lances. Berna fez uma partida perfeita.

Recuou o braço ao ver Diguinho atrás de si na cabeçada de Alecsandro logo no começo da partida. Estava firme no lance quando a bola bateu na trave esquerda, ao fim do primeiro tempo. Espalmou chutes fortes de Sóbis e Giuliano. Socou com eficiência os cruzamentos na área que enfrentou. Defendeu de primeira outros chutes que muitos goleiros insistem em rebater – alguns, pior ainda, com o pé. Fechou o gol na primeira etapa e foi apenas excelente no segundo tempo: basta lembrar a defesa perfeita na cobrança de falta de Andrezinho, praticamente um pênalti, fechando a partida.

O jogo poderia durar mais cinco ou onze horas: estava claro para todos que Berna não iria sofrer gols ontem à noite. Agarrou tudo; o que não pegou simplesmente não foi chutado. O time está de parabéns pela raça, mas é fato que todo time precisa começar por um grande goleiro – e foi o que aconteceu ontem.

Quero lembrar que não é a primeira vez que isso acontece. Quando o Fluminense bateu à porta do descenso em 2006, viram que era impossível se salvar com um beque-equipe sem usar as mãos para fazer defesas. Berna entrou num navio à deriva e ajudou a salvá-lo: o Fluminense não caiu. Em 2007, fazia uma jornada regular quando foi barrado por decreto. Manteve sua postura, continuou treinando, teve uma nova chance ano passado, mais uma vez entrando como titular num time em frangalhos. Sofremos duas goleadas merecidas para Santos e

Goiás, ele pagou novamente o pato. Agora, devido ao mau momento de Rafael – que foi muito importante na brilhante arrancada do ano passado – voltou ao gol do Fluminense. Pela primeira vez desde que chegou às Laranjeiras, é titular num time de grande qualidade. Percebam que, desde que foi efetivado, o time não perdeu mais.”

Foi pouco: você fez a melhor partida de um goleiro do Fluminense desde que São Paulo Victor nos deixou há 25 anos. Jogo contra o Inter no Beira-Rio, 0 x 0 e pelo menos dez grandes defesas. Depois, lembro do teu justo desabafo em Barueri quando fomos te cumprimentar na saída depois dos 4 x 1 contra o São Paulo: muitos ainda não tinham dado o valor que você sempre mereceu.

Depois Cavalieri foi o titular e se tornou o melhor goleiro do país. Nos momentos necessários, você sempre atendeu aos chamados com dignidade: lá estava quando demos o primeiro passo rumo ao tetra brasileiro, 1 x 0 em cima do Corinthians no Pacaembu. E quando Cavalieri defendeu o pênalti no Fla-Flu dos cem anos, você foi o primeiro a vibrar. Solidariedade de amigo, espírito de equipe, um torcedor do Fluminense realizando seu desejo de criança e nos defendendo em campo.

No futebol de hoje, com idas e vindas e amores que passam em seis meses, você empenhou amor de atleta à nossa camisa por quase uma década, um novo Marcão nos tempos modernos – e ajudou a fazer de um time que era regulamente rebaixado nas manchetes um respeitado conjunto em toda a América.

Por mim, você encerraria a carreira conosco, seria dirigente, treinador, qualquer coisa. Mas entendo: o fim pode estar chegando, você ama o futebol e quer jogar, isso é tão importante que pode significar abrir mão do teu amor, do time do teu coração. E respeito.

Mas que estou triste, estou.

Tenha aqui sempre um amigo, um admirador, um correto irmão, alguém que torceu por você não apenas nos títulos – onde todos torcem –, mas também em partidas “menores” como estas recentes de Macaé e outras, como em Bangu. Você acertou muito, errou pouco, foi digno sempre. Um gigante. Haja o que houver.

O que tiver de ser, será.

Obrigado por tudo, Ricardo Berna.

AINDA SOBRE MAGNO ALVES (OU O ESPÍRITO DO FLUMINENSE)

2015

Uma análise minimamente mais apurada demonstra que o Fluminense vive um recente desalinho que há de ser corrigido: a distância entre o time da tabela de classificação no Brasileiro e o time no gramado.

Há muitas explicações e interpretações para a situação, mas a que me parece mais razoável é simples: preparado para jogar com um time de alta marcação e menor criatividade, de uma hora para outra Enderson perdeu o encaixe com a chegada dos novos reforços. Assim sendo, será preciso algum tempo para que o onze se acerte novamente. Todavia, mesmo com atuações claudicantes, o Flu está no topo da tabela e ainda joga por um empate semana que vem pela Copa do Brasil. Mas é bom melhorar, porque ninguém fica no G4 apenas com o nome.

Parte da turma saiu preocupada com o que viu na quinta diante do modesto Paysandu. E faz todo o sentido. Sem varrer a sujeira para debaixo do tapete, apenas espero que as coisas se ajustem nas quatro linhas. Quando o goleiro é o melhor em campo e dirigente aparece mais do que os craques, sinal claro de necessidade de remontar o eterno quebra-cabeça do futebol. Claro que a vitória sempre ajuda: se o Renato não acerta aquele petardo, hoje o assunto pelas bocas seria o da crise desgovernada. Neste domingo, uma boa atuação diante do Joinville ajuda a consolidar o caminho. Que ninguém se esqueça da pedreira que foi o jogo do turno, com Vinicius desafogando o Flu no finalzinho da partida.

Meu assunto preferido de hoje é Magno Alves. Na quinta-feira no Maracanã, torcedores de N esferas do clube – que viviam a chamá-lo de “velho” e “acabado” para o futebol – tiveram o

efêmero bom senso de gritar a plenos pulmões o nome do artilheiro na hora do 1 a 0. O mesmo não tinha acontecido no momento de sua entrada em campo, substituindo Fred. Houve quem tivesse que engoli-lo a seco, demonstrando inicialmente um silêncio com os primeiros passos do artilheiro na grama.

Perto dos 40 anos de idade, ninguém em sã consciência imaginava que Magno viesse resolver o problema do ataque o Fluminense – problema este que sequer existe com a simples presença de Fred em campo. Mas podia ajudar muito, dentro de suas possibilidades. Sabe fazer gols, sabe passar e compensa a perda natural de velocidade com o posicionamento em campo. Foi muito útil nesta vitória e poderá sê-lo no decorrer deste ano. É fácil ser o substituto de Fred? Não.

Na hora do gol, voou esplendidamente. E comemorou com uma vontade, uma garra, uma emoção, um sentimento que contagiou a todos. Para quem estava perto do campo, foi de arrepiar. Sua atitude não pode ser desprezada por questiúnculas dos tempos da Revista do Rádio, quando Emilinha Borba era maior do que Marlene e vice-versa.

Mais do que o gol, Magno Alves contra o Paysandu mostrou outras vertentes: a do artilheiro da tempestade, justamente ele que fez tantos gols em um momento difícil da nossa história; a do batalhador dedicado; a do sujeito que veste a camisa do Fluminense com o compromisso da entrega plena, absoluta. Ele não fez o gol da vitória, mas foi o maior premiado com o golaço de Renato no lance derradeiro da partida. Magno não merecia outro resultado que fosse o triunfo diante do bravo time paraense, mesmo em situação adversa.

Júlio César foi o melhor em campo, com defesas monumentais. Renato decidiu o jogo com um chute que desafia definições. Mas aqui destaquei Magno Alves porque ele incorporou um elemento fundamental nessa partida – o espírito do Fluminense, que os

mais velhos tão bem sabem do que se trata. O veterano atacante é um herói de guerra. Não pode ser tratado com nada que não seja proveniente de respeito.

O Magnata merece tudo. Quando ele pulou feito criança depois da cabeçada vitoriosa, eu lembrei do querido e saudoso Êzio, do inesquecível Washington e do espetacular Cláudio Adão – todos estes assim como Fred, atualmente, e Romário, Coração Valente, Rafael Moura, Tuta e outros nomes, formam um grupo de artilheiros que ajudou a escrever o livro dos dias tricolores nos últimos 30 ou quase 40 anos. Não é uma história de agora, não começou outro dia.

O Fluminense não se cansa de desafiar paradigmas. Magno Alves também. A eles, sempre agradeço.

Não contem comigo para o desfile no bloco dos ingratos – este, um verdadeiro estorvo.

O ÚLTIMO GOL DE WASHINGTON 2014

A vida deveria ser justa para com aquelas pessoas que levaram alegria a milhares e milhares de outras pessoas. Mas não é.

Caso de Washington, o inesquecível artilheiro do grande time tricolor dos anos 80, falecido hoje depois de longa agonia por conta de uma doença degenerativa.

Ainda lembro dele quando era destaque na Revista Placar, jogando pelo time do Galícia. Depois atuou pelo Corinthians e no Inter, onde encontrou um sujeito que marcaria sua vida para sempre: Assis. Juntos também no Atlético-PR e, finalmente no Fluminense para toda a eternidade do futebol – o Casal 20 de tantos e tantos gols.

A Assis cabia marcar os gols das grandes decisões, assim como Romerito; já Washington se encarregava dos gols de placa, casos contra o Vasco em mil dribles em 1987 e por cobertura na Copa União de 1988. E aquele golaço de voleio contra o Flamengo? Tudo isso é pouco para falar de um dos maiores artilheiros da história do Fluminense, tendo jogado num dos times mais vitoriosos da história do clube.

Apesar de ser alto e, conseqüentemente, muito explorado no jogo aéreo, Washington era um jogador clássico, elegante. Não era de muitos dribles, mas quando os utilizava, sai de baixo! Uma de suas jogadas prediletas era o corta-luz, geralmente numa das laterais do campo: abria as longas pernas, a bola passava, o marcador ficava atônito e lá ia o atacante com sua corrida elegante rumo ao gol adversário. E, mesmo sendo o artilheiro, era um jogador de grupo, de equipe: basta dizer de sua consagração ao lado do herói Assis. Eram uma dupla, vistos como o símbolo de um coletivo, sinais de outros tempos.

Fundamental também ressaltar a humildade e o respeito que Washington sempre teve com os torcedores do Fluminense, mesmo quando as coisas não iam bem. Afável, educado, nunca abriu mão do estilo de bom baiano: sempre tratou a todos com fidalguia, até mesmo quando foi indevidamente negociado. Ganhou o coração da torcida tricolor para sempre.

Diante da dor inevitável da morte, fica o consolo de que os ídolos são imortais. Washington é do tempo em que, mesmo num Brasil de ditadura, cantar “ão, ão, ão, na cabeça do negão!” nada tinha de racismo, mas de idolatria e amor.

Ah, aqueles eternos segundos driblando para um lado e para outro até aquele golaço contra o Vasco. Aquele toque lento por cobertura, a bola morrendo mansamente na rede, o Fluminense derrotando um dos maiores times vascaínos da história. E quem estava de fiel escudeiro do Carrasco Assis nos maiores momentos de glória tricolor? Washington, sempre ele.

Perdemos a primeira peça de uma grande máquina. Ganha o ataque dos céus: com Ézio e Washington no ataque – e, por coincidência, um sendo o sucessor do outro -, qualquer jogo é um Ai-Jesus.

OUTRA ELIMINAÇÃO ESDRÚXULA 2014

Colocaram o jogo do Fluminense contra o Goiás para o canal Footcine Hidden Cult, quase tão escondido quanto a reprise de “Rei da Vela” (dirigido por Jorge Ileli) nas tardes do Ricamar na Copacabana dos anos 80. Ecos de um futebol refém das emissoras de TV. Ridículo.

Íamos jantar com Marô em Ipanema, fiquei impossibilitado, dores, acabamos no Vieira. Um custo para achar o canal. Quando deu certo, o Felipe fez uma grande defesa, o que não muda minha opinião: continua a ser um Aílton Cruz. Torço por ele mas não sou cego nem megalômano em superestimação por um ou dois jogos. O Leo ria e conversava de passatempo.

O Fluminense fez no primeiro tempo o jogo do aguenta: marcou bem, encurtou espaços e saiu na boa. Os cruzamentos deram em tiros n’água. Na melhor chance, o Carlinhos quis fazer mais do que precisava e perdeu um gol feitíssimo. Destaque-se a dedicação física da equipe, o time aguerrido, distante das patetadas. Diguinho bem outra vez, faz um grande ano, o melhor desde 2009. O onze superou bem até mesmo a estranha escalação. Fred, se arrastando. Conca lutou como sempre, mas com pouco acerto.

No fim da etapa, o Elivélton deu uma sarrafada MMA. Ficou barato. Os sanduíches de frango eggcheese que o Ivan trouxe, nem tanto.

2

Começou mal o segundo tempo. De saída, o gol do Goiás na jogada aérea, a defesa presa, Carlinhos perdido e o Aílton Cruz sem chance. Então, só restava ir à frente em busca de um gol

salvador, numa noite em que havia muito mais garra do que talento. Tudo muito diferente do primeiro tempo, do domingo em Itaquera etc.

Walter entrou no lugar de Bruno; devia ter entrado em lugar do arrastado Fred (difícil imaginar em qualquer planeta que, somente nesta noite, Bruno deveria ter ficado). Elivélton fez outra besteirada, levou vermelho, as coisas ficaram piores. Para Marlon entrar, aí saiu Fred. Do outro lado, David dando as cartas, um dos intocáveis de Renato Gaúcho. Dose. O gás do time evaporou. Nem Diguinho segurou a barra.

Pelo menos o Aílton fez duas boas defesas e um milagre no final, três contra um, evitou uma incrível goleada. Sarrafo fora do campo foi o destaque do Kenedy. O Goiás entrando livre no ataque e perdendo várias oportunidades. Walter deu dois petelecos. A dez minutos do fim, o Flu estava entregue, decadente. Chutões, balões, padrão 2013 em vão, sem desculpas por desfalques, grama alta, campo grande, a mãe do guarda.

Cristovão errou muito, mas nem de longe é o único culpado: não deu caneladas nem ficou cansado em campo com quinze minutos ou deu chutões para noroeste. O time do Fluminense é caro demais para que tudo estoure exclusivamente na mão do treinador, por pior que ele tenha ido. Os goianos, merecidamente classificados, foram melhores no confronto mesmo com um time fraco.

Kenedy tira qualquer boleiro do sério, na pior acepção das palavras.

Aqui perto, o tão xingado Luxemburgo fazendo novamente das suas e tirando leite de pedra de um time pavoroso.

Dá pra brigar pela vaga na Libertadores? Eu queria dizer que tenho certeza do sim, eu amo e torço, mas tudo o que vejo nesta

madrugada é um irritante talvez flertando com um não. Tomara que seja raiva passageira

Amanhã é outro dia.

Domingo tem Cruzeiro. Sejamos humildes. Hoje somos fracos.

Ainda bem que em futebol as coisas podem mudar num piscar de olhos ou num passo de bailarina.

TELÊ ETERNO

2014

Quando comecei a acompanhar futebol, no final dos anos 70, praticamente nenhum dos treinadores das grandes equipes do futebol brasileiro declarava seu time de coração, devido a razões profissionais: poderia criar uma indisposição com a torcida.

Um deles quebrava a regra: Telê Santana.

Recém-saído do Grêmio, o herói tricolor – campeão do mundo em 1952 e à beira do campo no espetacular 3 x 2 de 1969 – quando iniciou a lida de treinador – comandava um time do Palmeiras que, mesmo sem conquistar títulos, ficou na memória de seus torcedores: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão, Polozi e Pedrinho; Pires, Mococa e Jorge Mendonça; Jorginho, César e Baroninho. Com essa escalação, Telê dirigiu uma das vitórias mais espetaculares daquele tempo: 4 x 1 sobre a Gávea, pelo Campeonato Brasileiro de 1979.

Estive no Maracanã nessa ocasião e, ao que me lembre, foi a segunda vez que fui a um jogo de futebol que não fosse do Fluminense, levado pela mão por meu pai Helio (antes, havíamos visto um Flamengo x Campo Grande, donde concluo que, embora jamais tenhamos tocado no assunto, ele era chegado a uma divertida secada no rival), nós devidamente agrupados entre os esmeraldinos. A atuação palmeirense daquela tarde com mais de cem mil torcedores no Maraca, em especial no segundo tempo, foi tão espetacular que ali, mesmo que por um momento breve, renasceu o futebol brasileiro em termos internacionais – imediatamente Telê foi convidado a dirigir a Seleção Brasileira que, por dois anos, deixou o mundo boquiaberto até que veio a poderosa Itália – que só os reducionistas tratam como inferior – e o sonho acabou. Depois, a eterna perseguição midiática contra Telê, principalmente depois da Copa de 1986, acusando-o

ridiculamente de pé frio, foi pelos ares quando ele dirigiu o São Paulo e ganhou tudo o que podia. Felizmente, em vida, ainda teve todo o carinho e o respeito que merecia, sendo figura primordial em Laranjeiras no dia do centenário do clube – e foi tratado com justiça como uma celebridade de Hollywood naquela ocasião.

Bem antes de se tornar uma lenda entre os treinadores de futebol no Brasil – o único a ganhar campeonatos nos quatro principais centros de futebol do país (Rio, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul), Telê foi um dos maiores jogadores da história do Fluminense. Jogou praticamente toda a década de 50, sendo campeão carioca em 1951 e 1959, campeão do Rio-São Paulo em 1957 e 1960. Vestiu a camisa do Flu em 559 partidas, marcando 165 gols – é hoje o terceiro maior artilheiro da história do clube, atrás apenas de Orlando Pingo de Ouro (com 184) e Waldo (com inalcançáveis 319). Em termos de número de partidas disputadas, só perde para Pinheiro (603) e Castilho (697). Os números falam por si: um gigante.

Mas o que fez de Telê uma página eterna da história do Fluminense, bem traduzida no apelido de Fio de Esperança, não está necessariamente nas estatísticas impressionantes como jogador do time, mas sim no amor que sempre declarou publicamente, até mesmo quando treinava outras equipes e, na ocasião, precisava enfrentar o Tricolor. Extremamente profissional, mas despido de qualquer hipocrisia ao falar do time do seu coração. Antes, bem antes, já tinha mostrado em campo: jogando pelo Madureira contra o Flu, marcou um gol, não comemorou e chorou. O resumo é de cada um.

Telê faz parte de uma longa linhagem, que remete a gigantes como Marcos Carneiro de Mendonça, Preguinho, Castilho, Pinheiro, Altair, Denílson, Edinho, Assis, Renato Gaúcho, Marcão, Conca, entre outros – jogadores que fizeram questão de tratar, cada um ao seu modo e tempo, a camisa do Tricolor como

se fosse a própria pele, correndo, disputando, suando o tempo todo.

Ano passado, também escrevi aqui no PANORAMA sobre Telê em 26 de julho. É preciso repetir sempre e depois do sempre a respeito do mito, de forma obsessiva e perene.

Hoje, Telê completa 83 anos. E que ninguém pense em me corrigir, dado o fato de que, de corpo ele faleceu – aliás, deveria ter sido proibido disso.

Os ídolos são para sempre, os clássicos são eternos.

O CRAQUE E O ÍDOLO

2011

De tudo o que já foi amplamente dito, comentado e cogitado nas mídias em geral por conta dos recentes – e lamentáveis – acontecimentos extra-campo envolvendo o nome do Fluminense, uma coisa tem me chamado a atenção: certa confusão entre alguns companheiros sobre a diferença entre o craque e o ídolo.

Do craque, se espera o esmero técnico, preferencialmente com regularidade e DEDICAÇÃO – o que nem sempre acontece ou pode acontecer, por diversos motivos.

O ídolo é muito maior do que um craque; do ídolo, vem o exemplo, a atitude, o profissionalismo e a dedicação à camisa tricolor.

Para muitos, por exemplo, Conca não foi craque – no que discordo francamente –, mas por vestir nossa camisa com dignidade e senso profissional SEMPRE, ele se tornou um ÍDOLO, assim como o são Castilho, Brant, Fortes, Welfare, Marcos Carneiro de Mendonça, Romeu Pelicciari, Pinheiro, Flávio, Samarone, Telê, Edinho, Assis, Renato, Paulo Victor, Ézio, Marcão e Thiago Silva, dentre outras dezenas de nomes. Nesta lista, quase todos foram craques – e, com certeza, todos são e serão ídolos.

Grandes jogadores, o Fluminense sempre teve aos montes; agora, ser comprometido de verdade com a camisa das Laranjeiras é outra coisa. É para os especiais.

São outros quinhentos. Outras palavras.

Não basta ter talento técnico, nem beleza física para empolgar as fãs saltitantes.

Não basta mostrar qualidade de dois em dois meses e passar em branco entre as datas.

Não basta ser carinhoso com as crianças: é preciso ser exemplar para elas dentro e fora das quatro linhas.

O craque é fundamental em um, vários ou muitos momentos. Às vezes, nem todos.

O ídolo é eterno. Onipresente.

E imortal.

Diante de centenas de milhares de reais por mês, há os que escolhem ser apenas craques. E correm o risco do esquecimento num futuro breve: a próxima década ou mesmo o próximo ano. Nem as conquistas salvam o futuro de um craque desinteressado.

O ídolo, esteja onde estiver, é sempre motivo de louvação. E jamais há de submeter a sua história a uma saída pela porta dos fundos quando aquela for necessária. Ele deve ser um aliado da torcida, não um adversário. Eis a pequena – mas fundamental – diferença.

A LIBERDADE DE CALÚNIA 2014

Com o tempo, uma imprensa cínica, mercenária, demagógica e corrupta formará um público tão vil como ela mesma”.

Joseph Pulitzer, uma das maiores referências mundiais do jornalismo, faleceu em 1911. Como se pode constatar acima, era um visionário, cravando na mosca o perfil contemporâneo de certa parcela de jornalistas e leitores com, no mínimo, mais de cem anos de antecedência.

Ontem, em O Globo, o mesmo jornal que é comparsa do estelionato jornalístico de Renato Maurício Zandonaide, foi reproduzida parte de uma crônica de Nelson Rodrigues, datada de 1964. Nela, com o sarcasmo elegante, o mestre questionava o fato do Fluminense ter sumido dos noticiários esportivos, pois só se falava em um único time do Rio.

Pulitzer e Nelson são gigantes eternos. Nunca se conheceram. Nasceram em séculos diferentes. O primeiro morreu um ano antes do nascimento do segundo, o que nos faz pensar.

Há muito, os princípios básicos do papel da imprensa foram relegados a oitavo plano. Informar com isenção, oferecer a chance de contraditório e descrever a veracidade dos fatos tornaram-se letra morta no jornalismo, cada vez mais comprometido com interesses corporativos, particulares, a ponto de se tornar mera atividade panfletária.

E se o jornalismo como um todo encontra-se em situação deplorável do ponto de vista da ética e da veracidade, o que dizer da imprensa esportiva brasileira, que tem se esmerado costumeiramente em propagar mentiras, calúnias e difamações envolvendo o nome do Fluminense e de sua torcida?

Os reacionários da informação sempre tem a resposta pronta quando são contestados pelos crimes que praticam: o velho argumento da liberdade de imprensa. Vociferam, agridem, sugerem ser perseguidos por uma ditadura – como se a imprensa brasileira não tivesse sido conivente com algumas das maiores barbáries da vida brasileira desde o século XX.

Há uma clara diferença entre a liberdade de imprensa e a imunidade constitucional, como se os jornalistas fossem isentos de responder em juízo por crimes praticados deliberadamente, com a franca leniência de seus patrões.

No caso do massacre e (desde sempre) vilipendiado Fluminense, a interpretação do clube sobre o bombardeio de 2013/2014 provavelmente foi a de que, caso acionasse a Justiça contra os estelionatários da informação, alguns juízes dariam ganho de causa aos criminosos, oferecendo ainda mais combustível para a ridicularização diária do Tricolor. Assim, os pilantras agem com total confiança na impunidade. Caso de agora, por conta do rebaixamento da boazinha Portuguesa, sempre disposta a atos de plena generosidade para com seu irmão gêmeo da Gávea.

Se o Fluminense não dá as respostas que a imensa torcida tricolor espera, por mais de uma razão, talvez ela mesma devesse tomar as iniciativas. Seja através de ações coletivas por parte dos sócios do clube, seja por outras articulações legais. O fato é que a volta dos ataques contra o Tricolor, por meio de figuras eticamente deploráveis como Renato Zandonaide, Fabio Sormani, Flávio Vanessa e outros decadentes como o “Canal do Esporte” (manipulado), constitui um abuso inaceitável e que exige uma resposta jurídica vigorosa.

Chega de imobilismo, e menos ainda do velho discurso do “deixa para lá”; graças a isso, hoje somos odiados por milhões de torcedores que, informados de maneira rudimentar e exclusiva pela chamada “grande imprensa esportiva”, tentam nos massacrar de todas as formas, atingindo e prejudicando o Fluminense de forma econômica, moral e material.

Hora de atitude, de vanguarda que o Fluminense representa.
Hora de debelar o fedor que exala da imprensa esportiva marrom.

E de algo que nunca faltou às três cores: coragem.

Coragem.

DE 1978 A 2012
2012

I

Houve um tempo em que os jogos no Maracanã eram às cinco da tarde.

Sempre havia uma preliminar às três, geralmente feita pelos times de juvenis dos disputantes do confronto a seguir – eram tempos de juvenil mesmo, não se falava “categoria de juniores”.

Qualquer jogo tinha cem ou cinquenta mil pessoas. Alguns, nem tanto.

Garotos como eu esbaldavam-se com o copo de Coca-Cola em espuma. Os vendedores pareciam astronautas: todos de branco, tanque de refrigerantes nas costas e capacete, o que encantava as crianças. Bebia-se cerveja nas arquibancadas. Alguns patifes utilizavam o copo vazio para depois urinar e, a seguir, jogar o novo “drinque” em alguém na geral. Muitas vezes era difícil ir ao banheiro mesmo e até sair do lugar onde se estava sentado. Não importava a boa ou má fase. Ninguém comprava ingressos antecipados, chegava-se na hora e pronto.

Em casa, via-se os gols. Jogo mesmo, só indo lá.

Ou esperando o videotape da TVE, exibido à meia-noite com narração de Januário de Oliveira, José Cunha, comentários de Achilles Chirol ou José Roberto Werneck, reportagens de Sebastião Pereira. Antes, no mesmo canal, havia o programa de debates, apresentado por Luiz Orlando. Na Bandeirantes, antes de virar sua corruptela, era o Bola na Mesa, com Márcio Guedes, Paulo Stein, Alberto Léo e José Roberto Tedesco. Quando o jogo era sábado, a Bandeirantes também exibia o videotape no

domingo de manhã – foi assim que vi uma goleada do Fluminense sobre o América, 6 x 1, eles tinham o goleiro Ernâni em lugar de País.

E foi mais ou menos assim que eu comecei a ser um torcedor regular das arquibancadas do Fluminense, por volta de 1978. Havia uma certa crise, acreditem: não ganhávamos títulos há dois anos e isso gerava um mal-estar. Era a fase pós-Máquina, pouco dinheiro, dívidas e jogadores humildes. Mas as bandeiras nunca deixaram de fincar presença nas arquibancadas e sempre havia o tradicional pó-de-arroz a cada entrada do time em campo, além do espetacular torcedor Careca, sempre a atirar pacotes do mesmo pó branco a qualquer um que se metesse pelo caminho.

Depois de mais dois anos de “sofrimento”, veio 1980. Passamos a ganhar os então poderosos da cidade, Vasco e Flamengo. E o Fluminense acabou campeão em cima do mesmo Vasco, num gol de Edinho, no mesmo dia em que Cartola faleceu. Pouco tempo depois, quem disse adeus foi o imortal Nelson Rodrigues. Já o América era um calo e sua torcida chegava a ocupar dois terços de seu espaço reservado à direita das tribunas de honra.

Também na Bandeirantes, havia o programa “Papo de Arquibancada”, comandado por Hamilton Bastos (depois, Dênis Miranda). Nele, chefes de torcidas organizadas debatiam o futebol, os problemas no Maracanã, a violência (nada, quando comparada a hoje). Luis Carlos, Pequenos Vascaínos; Amâncio Cezar, TOV; Dulce Rosalina, Renovascão; Seu Armando, Young Flu; Zezé e Antonio, Força Flu; Niltinho, Jovem Fla; Russão, Folgada. O cenário era de arquibancadas mesmo, ocupadas pelos integrantes das torcidas. As pessoas conversavam, debatiam mas eram amigas. Claro que eventuais rugas surgiam, mas estávamos num outro mundo, menos violento mas ainda enfrentando situações abomináveis como a ditadura no Brasil.

Em alguns jogos, a torcida do Fluminense era minguada mesmo, principalmente nas partidas contra as equipes de menor expressão. Mas quando os clássicos chegavam, o mar tricolor no concreto do Maracanã era certo. Meia-hora antes do início do jogo, as bandeiras das torcidas entravam em fila pelo primeiro túnel de acesso dos torcedores e uma festa começava, sempre aos gritos de “Neeeeeeeeesssee”. Também havia vários sambas cantados em coro, muitos de enredo. Além das torcidas e de seus respectivos chefes já citados, tínhamos a Jovem Flu, primeira à direita, perto da tribuna de honra; Fiel Tricolor, da Tia Helena e outras mais.

II

Depois de anos de luta, apenas dois desde o título de 1980 mas que pareciam uma eternidade, o Flu voltou ao topo em 1983. Antes disso, esteve perto de decidir dois títulos brasileiros, mas ficou pelo caminho em confrontos contra o Vasco em 1981 – vencemos, não nos classificamos mas nossa torcida aplaudiu de pé – e o Grêmio em 1982 – levamos um incrível gol de China, num chute de primeira quase da intermediária. Depois, tudo foi festa: estádio lotado, três campeonatos estaduais seguidos, partidas de muita emoção, um tão ansiado novo título brasileiro, um time para a história. Com homens como Manoel Schwartz, José Carlos Villela, Newton Graúna e Paulo Alvarenga, o Fluminense foi o time a ser batido em todas as competições que disputou. Tempos depois, a equipe foi perdulariamente desfeita, veio uma transição com jovens jogadores, tivemos alguns momentos de brilho intenso – como, por exemplo, ao termos eliminado o Vasco da Copa União de 1988 – mas também decepções, como a eliminação no campeonato brasileiro de 1991 para o Bragantino, mais vice-campeonatos estaduais no mesmo ano, em 1993 e a perda do título no último jogo de 1994, afora a roubadíssima Copa do Brasil em 1992 contra o Inter, a três minutos da consagração. Foram quase dez anos de sacrifícios, até que veio 1995 e ganhamos o maior jogo de todos os tempos,

levantando a imortal taça do centenário. Mas mesmo neste ano houve dor: custou caro perder a semifinal para o Santos no campeonato brasileiro, depois de uma excelente campanha, e o pior ainda estaria por vir.

Os anos seguintes foram dor e morte. O Fluminense morreu várias vezes. Por causa da picaretagem armada por Corinthians e Atlético Paranaense (Ivens Mendes – Petraglia – Dualibi), o Fluminense não foi rebaixado. Mas que ninguém se engane: deveriam ter caído o alvinegro paulista e o rubro-negro do Paraná. O advogado de acusação de ambos na imprensa foi ninguém menos do que Juca Kfoury, corinthiano confesso. Nada aconteceu como devia, o Fluminense foi poupado temporariamente, mas jogado aos leões no ano seguinte: com um time fraco e uma enorme campanha midiática, já entrou rebaixado desde a primeira rodada. Tal como no ano anterior, o Flamengo também deu sua colaboração, entregando claramente uma partida para o Corinthians no Morumbi (Zezinho Mansur, o dirigente corinthiano, chegou a declarar em público que o rubro-negro “precisava entender o momento deles”; em 1996, sob a batuta de Joel Santana, a Gávea entregou de mãos beijadas uma vitória para o Bahia, 2 x 1 em São Januário). E o Fluminense caiu de vez. A sangue-frio, sentiu um punhal em suas próprias vísceras. Era só o começo. É claro que diante desse cenário, a torcida escasseou. Poucos viram o drama das arquibancadas, exceto os muitos integrantes das torcidas organizadas – hoje, chamados de “bandidos”, “assassinos” e outros termos que não fazem jus à essência da questão.

O golpe de morte poderia ter sido dado no fatídico jogo Fluminense 2 x 3 ABC pela segunda divisão em 1998. Os dirigentes tricolores pararam no tempo e pensaram que nossa torcida não apoiaria o Flu num domingo às onze horas da manhã: solicitaram pouco mais de dez mil ingressos. O triplo ou o quádruplo da demanda era necessário, o pau cantou nos portões, estes precisaram ser abertos e os nossos deram uma das

maiores demonstrações de amor em toda a história do clube. Mas um campeonato de regulamento patético, com apenas dez jogos e também a desordem vigente no clube levaram o Fluminense ao que parecia ser o seu fim como time de futebol: a terceira divisão. Muitos choraram oceanos. A dor foi caos. Mas o Fluminense não acabaria nem mesmo com o fim do mundo – e sobreviveu. Era preciso reconstruir um clube e um time inteiros. E foi o que aconteceu no ano seguinte, com a liderança admirável de Carlos Alberto Parreira – um tetracampeão mundial que não se encolheu e aceitou trabalhar na terceira divisão para ajudar o clube de seu coração.

III

Finalmente o Fluminense chegou ao ponto em que muitos setores da imprensa desejaram por décadas: passou a ser o time mais ridicularizado do Brasil em quase todas as publicações e programas possíveis. Era preciso haver a reconstrução. Ela começou com o apoio direto do presidente Horta e o patrocínio de uma empresa então desconhecida no Rio de Janeiro: a Unimed.

Não foi possível abarrotar o Maracanã em 1999. Muitos temeram o fim do Fluminense. Ardiloso, “O Globo” insinuou que a única saída seria uma possível fusão com o Bangu. Mas vinte mil maníacos não desistiriam nem com a morte – ao lado das organizadas, eles estiveram em todos os jogos de mandante da terceira divisão (um deles memorável, contra o Náutico, vitória nossa debaixo de uma chuva continental, apenas com ingressos na geral devido às obras do Maracanã). E os vinte mil maníacos ao fim do ano deram ao Fluminense um dos maiores públicos médios do Brasil naquele ano, já com pacotes televisivos disponíveis. Ganhamos a terceira divisão com honra e dignidade. Erigimos dos destroços para a ressurreição.

Fluminense e Unimed cresceram, nem sempre com vantagens equitativas. De toda forma, o tricolor recobrou as forças.

Passamos perto do título brasileiro em 2000, 2001 e 2002. O carioca dos 100 anos do clube foi ganho com muita luta – principalmente contra a imprensa, que tentou a todo momento sabotar a competição para que nosso time não fosse valorizado; afinal, 1995 custou muito caro a eles. Tropeçamos em 2003 mas a força de nossa torcida se fez presente: contra o Juventude pelo placar de 1 a 0, gol de Marcelo, nos livramos de nova queda e o Maracanã urrou como nunca pelo alívio.

Glórias e dores ainda viriam pelo caminho, é a sina tricolor. Tal 1995, tal 2005 – desta vez, a Copa do Brasil escapou para o Paulista. Novas lutas contra rebaixamentos em 2006, 2008 e o inesquecível 2009. A dor da Libertadores de 2008. Entretanto, as conquistas da Copa do Brasil de 2007 e do campeonato brasileiro de 2010 levaram ao Fluminense à condição de time temido no continente: se não ganhou a competição mais importante da América, passou a ser um frequentador assíduo dela – e poderosas equipes como São Paulo, Inter e Boca Juniors sentiram o que é encarar o peso do Fluminense de frente. O campeonato carioca de 2012 pode reconduzir o tricolor a cenários de supremacia local. Somos os líderes do atual campeonato brasileiro e temos tudo para chegar a mais um troféu importante. A possibilidade de chegar à Libertadores de 2013 é gigantesca.

Estamos vivos e firmes em 2012. Somos força, tradição, conquista e o amor infinito de uma apaixonada torcida. Sábado é logo ali na esquina. Uma boa vitória sobre o Náutico em casa, mais um empate entre Atlético-MG e Grêmio – ambos os resultados plenamente normais -, tudo fica normal e sereno. Com cheiro de liderança ainda mais forte, contundente e, ao mesmo tempo, serena.

SOBRE CONCA 2015

A se confirmarem (mesmo) os movimentos das últimas horas, perderemos o futebol do argentino Darío Conca para sempre.

Sem dúvida, um desastre, menos pelos futuros resultados em si e mais pelo conjunto da obra: nestes anos, Conca incorporou a mistura perfeita para um herói do futebol, a que compõe talento e garra. Equiparou-se a gigantes como Romerito na frente e Edinho na defesa (os que derem chilique com meus elogios ao hoje comentarista turrão têm esse direito, mas provavelmente não o viram em campo).

Conca entrou para a história porque fez um pouco de tudo: venceu a luta contra dois rebaixamentos certos, levou o Flu à final da Libertadores, foi o grande comandante de 2010 e, na volta em 2014, injetou garra num time licoroso e descompromissado, jogando 37 das 38 partidas do último Brasileiro.

No momento em que o Fluminense tenta um recomeço de era, Conca é – ou era ou seria – o grande nome da reconstrução de um time mais jovem, com jogadores em busca de afirmação.

Acontece que o futebol é profissional. Joga-se por dinheiro, mesmo que em alguns casos o amor e o respeito à camisa sejam evidentes. Conca honrou cada milímetro das três cores em campo e fora dele, mesmo quando jogava na China, seu provável novo destino. Aqui escrevemos noutro dia que se trata de um patrimônio inquestionável e imprescindível. Mas lutar contra dezenas de milhões de dólares talvez fosse menos difícil se o Fluminense tivesse mais torcedores engajados como sócios, em vez de apenas simpatizantes. É só uma hipótese.

Celso Barros quer o caixa arrumado. Conca dobrará sua fortuna. O Fluminense será recompensado pela perda brutal. É triste, mas se for inevitável, a vida segue.

Por favor, não deixemos que a emoção se transforme em rancor boquirroto: Fred e Wagner não saíram porque simplesmente não tiveram propostas econômicas melhores (ainda). E só.

Menos ainda a bobagem de tratar a fera argentina como um traidor, tolíce que só cabe nas mentes menos evoluídas – ou midiaticamente oportunistas. Eu também sou pouco evoluído: leia-se calor dos acontecimentos.

O final da novela é preocupante e até assustador. Só não é novo.

Imagino o que os mais velhos sentiram quando Castilho parou. A dor de perder Didi para o Botafogo. Telê foi embora de mansinho.

Eu mesmo senti a barra quando Pintinho, Cláudio Adão e Edinho se despediram. Assis. Deley. Renato. Ézio. Dentro do gramado, nossos deuses têm prazo de validade. Ainda mais agora, com a força da grana que ergue e destrói coisas belas.

Depois de trinta e tantos anos de arquibancadas, não tenho dúvidas: Conca foi dos gigantes monumentais. Seu metro e pouco tornou-se a altura de um prédio. Ele foi um leão como Romerito ou Edinho (não confundam com o volante, é essencial).

Queria muito que não fosse embora. Se for, entenderei. Se for, dois mil obrigados por tudo. O Fluminense continuará rugindo como sempre.

A vida é isso: encontros e despedidas. Encontrar Conca foi bom demais.

TORCER OU TORCER

2014

Dia desses, num dos encontros que antecedem as sessões do Cineclube Cinefoot, nas belas instalações do Centro Cultural da Justiça Federal, eu conversava com o amigo Antonio Leal a respeito de futebol em geral. O sentimento das torcidas. Aquela velha reação de alguns ao abandonarem seus times ao primeiro revés ou insucesso. Imediatamente o amigo me perguntou: “Será que gostamos mais dos nossos times, do futebol ou propriamente de vencer?”.

Belo achado, a ser analisado de acordo com a época.

Quando o Brasil perdeu a Copa de 1950, penso que se gostava mais do futebol do que da vitória. Tanto é que os clubes cresceram enormemente, as torcidas se multiplicaram e, em pouco mais de dez anos, foi o futebol brasileiro que tomou as rédeas do mundo.

No caso do nosso Fluminense, há um capítulo emblemático, definitivamente bem escrito por João Garcez em seu mais recente livro sobre Dr. Francisco Horta. Para os menos situados, a Máquina Tricolor teria sido limitada por não ter obtido conquistas nacionais. Descontada a inútil polêmica a respeito, basta dizer que aqui falamos de um time formado há 40 anos.

Eu mesmo percebi que o Fluminense era imprescindível em minha vida em dois momentos onde vitórias e títulos estavam em segundo plano: no primeiro, entre 1978 e 1980, quando passei a acompanhar loucamente o time dia e noite. No segundo, em 1999, na tempestade literal da terceira divisão. Ali, entendi que estar ao lado do Flu era muito maior do que seus títulos, craques e vitórias.

Mais recentemente, é possível perceber os torcedores mais apaixonados, aqueles para os quais o Flu é maior do que tudo, assim como outros que condicionam a sua fidelidade nas arquibancadas aos bons resultados. É justo o caráter democrático desta opção.

No entanto, me vem à mente a lembrança de outro comentário que li pelo caminho: torcedor é uma coisa, simpatizante é outra.

“Será que gostamos mais dos nossos times, do futebol ou propriamente vencer?”

Quando se torce para um time acostumado às glórias como o Fluminense, é claro que a vitória é quase um imperativo. No entanto, quando ela não vem, é perseguida jogo a jogo por aqueles que sorriem só de ver o campo, onde as três cores são nome.

Tanto faz se é um clássico abarrotado no Maracanã ou um jogo para poucos debaixo dos 50 graus de Moça Bonita. Importante ou corriqueiro, decisivo ou casual.

Eu gosto mais do Flu do que seus títulos, craques, artilheiros e troféus. Logo, continuarei torcendo.

Feliz Natal.

FORA DO MARACANÃ 2015

1

A vida tem seus sestros e dolências. Pequenos incômodos. No mais, os leitores deste PANORAMA já estão cientes: poucas pessoas têm sido tão injustiçadas nessa torcida do Fluminense quanto eu. Mas sigo em frente: eu detestaria estar alinhado com os indiferentes e os que têm vibrado com a malversação do meu nome por simples despeito. O papel de esterco não me cabe, deixo para eles. Sou o jardineiro, é bem diferente.

Mesmo com o show de inabilidade demonstrado no atendimento eletrônico da venda de ingressos para a estreia diante do Joinville, fiz a parte que me cabia. O Fluminense é maior do que qualquer sanguessuga nele alojada. Tudo passa. Além do mais, sábado era noite de Magno Alves, Antonio Carlos e Pierre.

Ao chegar no Maracanã e deixar minha namorada na roleta de acesso, tive mais um revés: o telefone celular. Caiu de meu bolso. Não havia nada a fazer: fui para a outra roleta. Reencontrei Marina, começamos a telefonar incessantemente para que um eventual atendente retornasse. Toques, toques, toques e nada.

As cadeiras estavam bonitas com as pulseiras verdes. Meu total apoio aos realizadores. Vaidades pessoais devem ser deixadas de lado quando o assunto é Fluminense, uma lição a ser estudada diariamente por torcedores, sócios, conselheiros e principalmente dirigentes. O arrogante também vira carne podre num caixão depois de um enterro, no inevitável destino de todos um dia. A festa foi bonita.

Veio o jogo. Um primeiro tempo de luta. Tivemos muitas oportunidades, faltou a competência nos últimos toques na bola.

O goleiro Oliveira, uma espécie de Guinazu com cabelo, fez excelentes intervenções. Na arquibancada, um agressivo flubabaca louco para que os vizinhos perdessem a compaixão. Não somos perfeitos. Engraçado ver o rapaz do Joinville deitado na barreira, o mesmo que foi expulso pelo sarrafo. Pierre quase fez um golão no fim. Wellington Silva, antes.

Finalmente um telefonema. O celular foi localizado pelo taxista que nos trouxe ao Maracanã – o aparelho havia caído no banco de trás. Em breve, o traria de volta. Ainda deu tempo de ver o Magno e o Antonio Carlos saudando a torcida. Reencontrei-me com o passado de choro, tristeza, alegria e vitória. E uns dez minutos do segundo tempo, com o Tricolor caindo de produção, Robert em campo. Então desci para buscar o celular.

Começou outra partida, que jamais tinha visto em toda a minha vida.

2

Descer as rampas desertas do Maracanã. Falar com o segurança para abrir a grade.

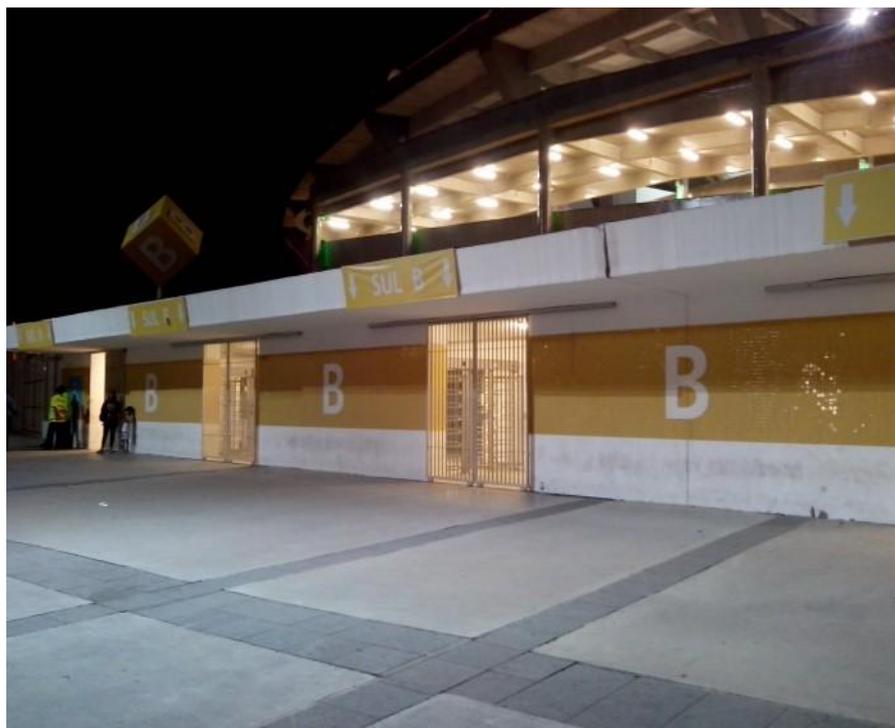
Num segundo e as experiências sensoriais mudaram drasticamente. O que era luz, cor e som resumiram-se neste único.

Primeiro encontrei o taxista. Dei-lhe um abraço. Num mundo de ratazanas em busca de oportunidades para roubar, sequestrar e achacar, aproveitando-se inclusive da lei para isso, é bom saber que alguém pode praticar uma boa ação para um desconhecido. Pedeu apenas a corrida, no valor de 28 reais. Dei-lhe 50. Abraçamo-nos de novo, ele rumou para uma corrida no Alto da Boa Vista. Um trabalhador nobre.

Procurei uma televisão nos arredores. Nenhuma.

Olhei de volta para o Maracanã. Alguns seguranças na porta. Talvez meia hora de jogo. Um silêncio de concreto entrecortado por uma trilha sonora indescritível.

Urros, suspiros, gritos e silêncios. Dignos de um Pink Floyd.



Vários tricolores com belas e populares camisas do time andando na pista de atletismo: pequenas famílias, casais de namorados, gente sozinha. Um senhor com um radinho de pilha daqueles dos tempos de glória.

Catadores de latinha solitários, invisíveis para a multidão metros adiante. Vinte mil pessoas gritando e sonhando com um gol, três ou quatro homens pobres e dignos sonhando com um prato de comida. Fora do futebol, a vida é bem mais difícil. Houve quem acusasse – jocosamente – os que pensam nos excluídos como pais dos pobres (nem Getúlio Vargas escapou dessa); bem melhor do que ser um filho da puta, creio.

Poucos carros na Eurico Rabelo. Um vazio imenso. Silêncios e respiros.

No chão, a sombra de humílimos transeuntes, nenhum deles contando com a permanente luz do inesquecível prédio da UERJ

Um torcedor desesperado por ter chegado atrasado tentava entrar a todo custo, sem sucesso. A rigidez do acesso ao Maracanã é bem diferente do seu péssimo atendimento eletrônico.

Outro torcedor deitado na pracinha, perto de uma família, escutando a partida pela rádio e sonhando com três grandes gols de Fred, Gerson ou qualquer outro que resolvesse.

Gente saindo. Dois, três, vinte, cem. Ainda era cedo demais. Movimentação intensa. Torcedores de todas as idades. Nunca imaginei que tantas pessoas fossem embora antes da hora. Antes dos 30 minutos.

Um urro mais fraco. Outro moderado. Sons de reclamação e insatisfação. Exasperação. Não parecia estar bom.

Um novo e vigoroso urro de dor. Perto de cinco minutos antes do fim. Um velhinho passa do portão e grita “Caralho! No travessão...”.

O concreto do Maracanã abrigando os corações desesperados de paixão.

E então ouvi o que parecia o solo final de “Run like hell”: uma explosão de alívio e conquista, alta, um hino de show de rock. Era o gol salvador com o urro dos urros, arrebatador, cardíaco. As pessoas vinham correndo pela saída, abraçavam-se, pulavam. Como deve ter sido naquele gol de barriga? Eu estava na arquibancada, não sei dizer dos corredores.

Gol no final, a magia permanente da encarnação tricolor. A sina.

Encontrei meus amigos felizes na saída do estádio. A estreia valeu a pena. Os relatos do segundo tempo opaco foram confirmados pelo que vi no VT ontem. Mas vencer era imperativo. Belo chute de Vinícius, lembrando o velho Yan. Edson merecia o gol. O Felipe ainda de muleta e imobilizador, sorrindo como sempre. O Paulo Marcelo. Gustavo Albuquerque. Sergio Trigo. Alexandre e até o Marcio Affonso dizendo que era Marcio Affonso. O Estado-Maior fazendo presença. Também o Nelsão passando apressado, alegando ser por causa das crianças. Hum.

Depois comemoramos com uma Budweiser no Mamão com Açúcar, perto da Cruz Vermelha. A Marô veio, finalmente. Não brigamos para pagar a conta. Refizemos o velho trio de ferro com o Leo, feito os tempos de 2008 e 2009.

Foi o primeiro passo do Fluminense neste campeonato brasileiro de 2015. Estive perto demais e longe. Não se pode afirmar o que virá à frente. Certo mesmo é que, mesmo injustiçado e injuriado, meu amor não cessa. Levei 37 anos para escutar o som da minha torcida sem vê-la. Foi uma experiência indesejada, mas fantástica e ímpar. Nós somos um Pink Floyd nos escapes do Maracanã. E “Time” em inglês se escreve como “time” em português. No entanto, a vitória não pode servir para apagar erros quase crônicos, nem aplaudir o que já se pode chamar de “drubismo”.

Meu sonho é que alguns poucos torcedores, travestidos temporariamente de donos do Fluminense (numa mediocridade comovente) até mesmo quando recebem salário dele, um dia aprendam sobre justiça, solidariedade e respeito com uma pessoa de bem, tal como o taxista que norteou estas linhas. Os homens passam e só um estúpido não percebe o significado disso. Pensando bem, vários. Mas tudo passa.

A camisa verde é bem diferente e talvez interessante por causa de seu tom exótico. O short azul é estranho demais. Nesta semana tem Brasília. Vencer ou vencer.

PRO SEU LIMÃO
2015

Este é um bilhete para o Seu Limão ler onde puder ou estiver. Os amigos desta casa também. Ou qualquer outra coisa.

Foram três anos de luta diária. Divulgação, gravação, direção, propagação. Muito provavelmente, você que nos lê chegou até aqui por conta do trabalho dele.

Estivemos juntos em praticamente todas as segundas-feiras de julho de 2012 até julho de 2015. Mais de 150 programas do PANORAMA. Outros tantos jogos do Flu. E chopes e sambas.

Invariavelmente após as gravações íamos a um bar das redondezas. Passamos pela Cinelândia, Botafogo, Jardim Botânico, Tijuca e, mais recentemente, Cruz Vermelha. E então falávamos sobre deliciosas bobagens de um Rio e um Brasil que já não existem mais.

Eu adorava sacaneá-lo com os enquadramentos só para vê-lo resmungar. Ria muito.

Eu não tinha noção de que ele tinha idade para ser meu pai, ao contrário de praticamente todas as pessoas de mais idade que conheço.

Era meu amigo daqui e pronto.

As pessoas não têm ideia de como gravar nosso programa de TV era divertido com as câmeras desligadas no intervalo.

Provavelmente ele aprendeu algumas coisas conosco, bem menos do que as que ensinou: a elegância, o humor sutil, a crítica a um Brasil que anda todo errado, as experiências no exterior.

Cético quanto ao futebol, virou um tricolor apaixonado, com direito a batizado no Bar dos Esportes e muito pó de arroz.

Hoje, perdemos um amigo por aqui, na inevitável trilha sonora da vida: caótica, injusta, torta e, por isso mesmo, humana demais. Ele merecia ter visto o Paulo Victor. Não deu tempo.

Descrever a perda de um amigo é impossível, qualquer que seja o escrito ou o talento do escriba. A única coisa que sei é que o domingo ensolarado perdeu completamente o sentido.

Na porta do hospital havia uma pilha de pedras, talvez simbolizando a dureza, a aspereza do momento. Acima, o verde da natureza, da esperança, aquela onde sempre existe um caminho quando tudo está perdido.



A história não acaba por aqui. Eu havia decidido parar de escrever livros sobre o Fluminense, apenas publicando os inéditos já prontos. Terei que mudar os planos. É a única maneira de homenagear o Seu Limão como ele merece.

Se a vida às vezes nos prega estes socos no queixo, vamos levantar e lutar de novo. É o que resta, no melhor estilo João Saldanha: “Vida que segue”.

O PANORAMA deu certo por sua causa, Seu Limão. Obrigado por tudo. Você está por perto, sabemos disso.

FLUMINENSE x ABC 2021

Era um domingo ensolarado pela manhã. Eu e Jefferson fomos para o Maracanã, ele era pequenininho, tinha 12 anos. Queria que o Helio fosse, mas ele já não andava e tudo ficou mais difícil.

Chegamos rapidamente e logo testemunhamos o caos na bilheteria. Motivo: o Fluminense disponibilizou muito menos ingressos do que esperado, talvez uns dez ou quinze mil, só que a multidão era de trinta ou quarenta mil.

Comprar era impossível, nem os cambistas tinham. Algo inesperado para um jogo da segunda divisão.

Esperamos um pouco e aconteceu que abriram os portões do Maracanã. A massa enlouqueceu e cantou como nunca.

Quando chegamos na arquibancada, tive uma sensação inédita: a luz da manhã fazia tudo ficar diferente, até esquisito mas naturalmente familiar.

Veio o jogo. Foi um desastre. Tudo deu certo para eles. A festa espontânea da torcida virou um espaço entre silêncios e até lágrimas. Chegamos a tomar 3 a 0, incrível, mas reagimos no final. De toda forma, o fracasso foi indisfarçável.

No final ainda encontramos Alvaro Dória espalhado na arquibancada, inerte, logo ele.

Voltamos tristes para casa. Foi um domingo infeliz.

Até hoje ninguém contou aquela história direito. O Fluminense foi apedrejado como "devedor", tendo sido rebaixado numa fase de apenas dez partidas, com três derrotas e tendo cinco times

abaixo na tabela - foi a única competição da história do campeonato brasileiro que teve o descenso de seis times.

Naquela linda manhã de domingo começaria uma tragédia tricolor que, salvo situações pontuais, nos atinge até hoje, a ponto de dirigentes com trocentas lutas contra o rebaixamento usarem aquele tempo como consolação. Mas nada apaga a imagem de uma torcida apaixonada, querendo invadir o Maracanã para abraçar o Fluminense num de seus momentos mais difíceis.

RICARDO GOMES

2021

É hora de valorizar um dos maiores zagueiros da história do clube.

Ricardo Gomes Raymundo jogava demais, demais. Quando entrou no time do Fluminense, só saiu quando foi negociado com o Benfica de Portugal.

Jogador de extrema qualidade técnica, excelente posicionamento e antecipação, está num Pantheon onde figuram Pinheiro, Edinho e tantos outros.

Em certa ocasião num jogo nas Laranjeiras, não lhe bastou ser o melhor em campo: desarmou todas as jogadas sem cometer uma falta sequer, acertando todos os passes.

Símbolo do Fluminense tricampeão carioca e campeão brasileiro nos anos 1980, capitão do time, Ricardo reinou na Seleção Brasileira, se consagrou na Europa como um dos melhores zagueiros do mundo e pode se considerar tetracampeão mundial em 1994: era homem de confiança de Carlos Alberto Parreira e só não foi titular absoluto na Copa dos Estados Unidos porque se confundiu num treino às vésperas da competição.

Ricardo é um símbolo do Fluminense e precisa ser resgatado com urgência. Ele é um escudo do Tricolor para toda uma geração.

ZEZÉ

2021

Jogou seis anos e meio no Fluminense, a partir de 1975 com apenas 18 anos, mas a titularidade veio num período difícil do pós-Máquina, a partir de 1977/78. O supertime precisou ser desmontado, as vacas eram magérrimas e, naquele tempo, três anos sem títulos pareciam uma eternidade para o torcedor tricolor.

Em 1980, Zezé era um dos destaques do Fluminense campeão carioca, com seus dribles, cruzamentos e grandes gols, geralmente com chutes cruzados pela esquerda.

Jogou mais de 260 partidas pelo Flu e marcou mais de 80 gols, afora os cruzamentos que ofereceu para feras como Doval, Nunes e o espetacular Cláudio Adão. Um autêntico ponta-esquerda dos grandes tempos do futebol brasileiro.

Saiu cedo do Fluminense e não voltou mais, uma pena. Morreu há alguns anos, ainda cedo. Merece ser valorizado à altura do que fez pelo Tricolor. Jogou em várias escalões do nosso time, mas a que virou uma verdadeira tatuagem é: Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens; Deley, Gilberto e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. Treinador: Nelsinho. Esse time, campeão em 1980, inspirou a última crônica do mestre Nelson Rodrigues.

SOBRE O AUTOR

Paulo-Roberto Andel é autor/coautor de mais de 30 livros, dentre eles 19 sobre o Fluminense, sendo um dos autores mais publicados do futebol brasileiro, tendo apresentado seu trabalho em diversas estações de rádio e canais de TV. É cronista do Correio da Manhã e do Museu da Pelada. Em 2020 concorreu ao Prêmio Oceanos Itaú com "Um botequim de Copacabana". É editor do site Panorama Tricolor desde julho de 2012. Em 2014, o Fluminense lhe concedeu o título simbólico de torcedor ilustre do clube, por conta dos serviços literários prestados à memória tricolor. Nascido em 1968, acompanha o Fluminense desde 1975.



tudo é fluminense

